

*Territorios comparados: los valles del Guadalquivir,
el Guadiana y el Tajo en época tartésica.*

Reunión científica, Mérida (Badajoz, España), 3-4 de diciembre de 2015

O CABEÇO GUIÃO (CARTAXO - PORTUGAL): UM SÍTIO DA IDADE DO FERRO DO VALE DO TEJO*

Cabeço Guião (Cartaxo-Portugal): an Iron Age site in the Tagus valley

Ana Margarida ARRUDA,¹ Elisa DE SOUSA,² Elisabete BARRADAS,³
Carlos BATATA,⁴ Cleia DETRY,⁵ Rui SOARES⁶

Resumo: Escavações arqueológicas conduzidas no Cabeço Guião (Cartaxo) permitiram detectar um sítio da Idade do Ferro, cujos materiais e datações absolutas possibilitaram datar do século IV a.n.e. Um conjunto habitacional constituído por compartimentos de planta rectangular, com lareira central, foi identificado, tendo sido possível verificar duas fases construtivas. O espólio é numeroso, sendo constituído, maioritariamente, por cerâmicas, de mesa e de cozinha. O estudo destes materiais evidenciou a ligação profunda que o sítio manteve com Lisboa, mas também a existência de importações extra-regionais. Os metais integram elementos de adorno, artefactos de carpintaria e um espeto de carne. Os dois objectos de vidro correspondem a uma conta de colar e a um *amphoriskos*.

A análise dos dados recuperados permite discutir não a evidente função agro-pastoril do sítio, mas as características deste tipo ocupação de âmbito rural.

Summary: Archaeological excavations carried out in Cabeço Guião (Cartaxo) have revealed an Iron Age site, whose materials and radiocarbon analysis allow to date from the IV century b.c.e. Habitat structures are rectangular, with central hearths, and it was possible to identify two distinct construction phases. The recovered artifacts are constituted primarily by pottery (amphorae, table, storage and cooking ware), but also by metal and glass artifacts (beads and *amphoriskos*). The study of these materials showed the deep connection that the site had with Lisbon, but also the existence of extra-regional imports.

The analysis of data can be discussed. Despite the fact that an agro-pastoral function of the site is admissible, the characteristics of such type occupation in rural areas deserves to be reviewed.

Palavras chave: Rio Tejo, Idade do Ferro, ocupação rural, cerâmicas.

Key words: Tagus river, Iron Age; rural occupation, ceramics

* Trabalho realizado no quadro do Projecto «Fenícios no Estuário do Tejo» PTDC/EPH-ARQ/4901/2012.

¹ UNIARQ (Centro de Arqueologia). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

² UNIARQ (Centro de Arqueologia). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

³ Arqueólogo.

⁴ Arqueólogo

⁵ UNIARQ (Centro de Arqueologia). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

⁶ UNIARQ (Centro de Arqueologia). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

1. INTRODUÇÃO: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E IMPLANTAÇÃO TOPOGRÁFICA

O sítio arqueológico do Cabeço Guião (CNS 30564) localiza-se na freguesia de Setil, concelho do Cartaxo (CMP nº377) (Fig. 1 e 2). Implantou-se sobre uma pequena elevação, sobranceira ao vale do Tejo, com 24 m de altitude, e está limitado a NE e SO por dois pequenos vales, no fundo dos quais correm duas ribeiras. Geologicamente, implanta-se em terrenos do Miocénico compostos pelo *Complexo com vertebrados de Aveiras de Baixo e calcários de Vale do Paraíso*, sendo os vales circundantes compostos por terrenos de aluvião (CGP nº31-C).



Figura 1. Localização do Cabeço Guião (Cartaxo) no território português (base cartográfica de V. S. Gonçalves).



Figura 2. Localização do Cabeço Guião no estuário do Tejo (base Google Earth).

O Cabeço Guião possui algumas condições naturais de defesa, oferecendo um amplo domínio da paisagem em todas as direcções, encontrando-se rodeado por terrenos férteis, factores possivelmente determinantes para a sua implantação. Junto à base do Cabeço construiu-se a linha férrea que serve a região.

2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA: O CONTEXTO E OS TRABALHOS CONCRETIZADOS

A intervenção foi concretizada na sequência das obras de alargamento e modernização da linha férrea, que foram devidamente acompanhadas do ponto de vista arqueológico (Fig. 3). No referido acompanhamento, foram identificados vestígios arqueológicos, o que determinou a realização de uma escavação em área, que foi levada a efeito pela empresa OZECA-RUS, Serviços Arqueológicos, Lda., e que constituiu uma medida de minimização de impactos negativos sobre o património arqueológico. O objectivo era determinar o estado de conservação do sítio e definir a cronologia da sua ocupação e a sua integração cultural.



Figura 3. Vista aérea da área intervencionada.

Os trabalhos arqueológicos incidiram sobre uma área total de 400 m², e foram efectuados em dois momentos distintos. A importância dos vestígios acabou por determinar a conservação, quase integral, dos vestígios postos a descoberto, tendo-se apenas sacrificado uma parte, a Sudeste, que incluía, ainda assim, algumas estruturas. O dismantelamento destas estruturas arqueológicas foi efectuado manualmente pela equipa de arqueologia, para recolher eventuais materiais arqueológicos aí existentes.

3. OS RESULTADOS

As escavações arqueológicas no Cabeço Guião permitiram recolher abundante informação sobre o sítio, materializada quer em estruturas, quer em materiais arqueológicos.

A existência de dois momentos de ocupação, ambos da Idade do Ferro, que foram seguramente sequenciais, ficou comprovada através da deposição dos vários estratos e também da análise dos espólios

neles recolhidos durante a intervenção arqueológica. Uma outra ocupação, neste caso pré-histórica, foi também documentada, mas apenas numa área muito restrita.

3.1. A SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA

Foram vários os estratos reconhecidos durante a escavação no Cabeço Guião.

Para além do que constituía a terra superficial [0], que, em alguns casos, resultava da deposição de sedimentos removidos de outras áreas pela acção de maquinaria pesada da obra do alargamento da linha férrea, foi escavada a Unidade [1] compacta, de tonalidade escura e com uma espessura entre os 12 e os 45 cm. Continha abundante material arqueológico e a ela pertence a grande maioria das estruturas construídas. Esta Unidade Estratigráfica corresponde à última fase de ocupação do sítio.

A Unidade [5], sob a anterior, caracterizava-se pela tonalidade acastanhada do sedimento compacto que a constituía, correspondendo à primeira ocupação da Idade do Ferro. O espólio é também aqui abundante (cerâmica, fauna) e algumas paredes puderam ser-lhe associadas.

A estas duas Unidades Estratigráficas, podemos ainda somar as [4], [6] e [9], de menor dimensão, quer em espessura, quer em extensão (correspondem a valas de fundação de muros ou a estratos de preparação de estruturas de combustão), que se enquadram também na Idade do Ferro e podem associar-se ao último momento de ocupação.

Mais problemática é a avaliação da UE [2], de muito reduzida espessura (4/6 cm), que estava sob a [1]. A sua associação a qualquer uma das fases é difícil, até porque resulta, aparentemente, do derrube de construções de taipa, apesar de poder interpretar-se também como piso. Se, como parece, se tratar da primeira das hipóteses, a sua relação com a primeira fase de ocupação do sítio é defensável.

A Unidade [3] corresponde à ocupação pré-histórica, tendo sido identificada directamente sobre o substrato geológico apenas em algumas das áreas intervencionadas.

3.2. A ARQUITECTURA

As construções identificadas no Cabeço Guião são constituídas por muros rectilíneos, que definem compartimentos de planta rectangular, que corres-

pondem, em alguns casos, a células de um único (Fig. 4).

Destaca-se um conjunto arquitectónico constituído pelos compartimentos 1, 2 e 3, todos associados à Unidade Estratigráfica [1], ainda a sua construção possa não ter sido simultânea, mas sequencial. Os dois últimos, um apenas definido parcialmente (3), são amplos, e estão separados por outro (1) de escassa dimensão. Correspondem à última fase de ocupação do sítio, da Idade do Ferro. As entradas estão viradas a Oeste.

Para além destes compartimentos, existem outras paredes que, infelizmente, não puderam ser associadas a nenhum outro conjunto arquitectónico, porque tendo sido parcialmente destruídas, muito possivelmente ainda em época antiga, aparecem isoladas, não sendo solidárias entre si e não definindo qualquer espaço concreto. Estão inseridas na mesma Unidade Estratigráfica, [1], pertencendo, por isso mesmo à mesma fase ocupacional que o edifício atrás mencionado.

As pedras das faces de todos os muros desta fase de ocupação, e que se associam à [UE 1], são de calcário, de média dimensão e de formato geral arredondado. Os espaços entre as duas faces foram preenchidos com pedras da mesma matéria prima, mas de pequeno calibre.

Outras estruturas puderam ser ainda associadas a este momento construtivo. É o caso das Lareiras 1, 2, 4, 5 e 6, e, possivelmente, da 3 e da 8. Trata-se de placas lenticulares de argila que assentam sobre uma base constituída por fragmentos cerâmicos. Sobre estas placas colocar-se-ia o combustível, madeira, e sobre as «brasas» que dele resultariam seriam postas as painéis destinadas a cozinhar os alimentos. Algumas destas estruturas de combustão (2, 6 e 8) foram identificadas no interior dos compartimentos, em posição mais ou menos central (Fig. 5). Atendendo à proximidade das restantes a muros não é impossível supor idêntica situação, que, porém, não foi possível confirmar, uma vez que estes muros não puderam ser integrados em qualquer edifício ou célula.

Alguns aglomerados de pedras, como é o caso do que foi designado por Estruturas, 1, 2, 3 e 4, podem corresponder a derrubes dos muros (Fig. 4). A 2 e a 4 poderão, contudo, constituir poiais, directamente relacionados com o compartimento 2 do edifício localizado a SO da área escavada.

Mais antigos, pertencendo, portanto, à primeira fase, são dois troços de muro construídos com pedras calcárias, imbricadas, de pequena dimensão e angulosas, que se encontram no extremo Nordeste da área escavada (Muro 1) e nas proximidades do Comparti-

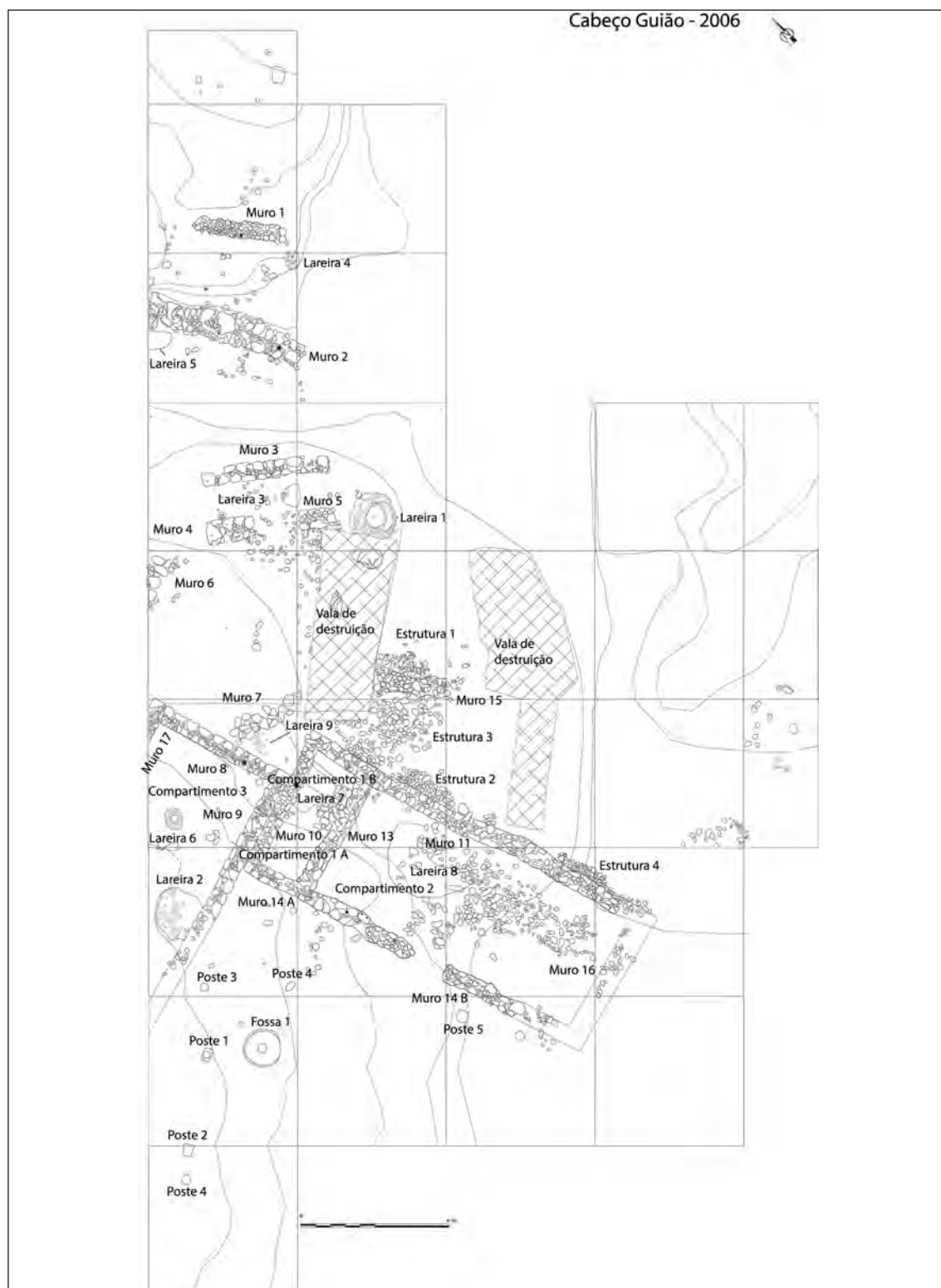


Figura 4. Planta das estruturas identificadas no Cabeço Guião.

mento 1 (Muro 7) (Figs. 4 e 6). A posição estratigráfica parece indicar a antiguidade destas duas paredes relativamente às da última fase, mesmo que a leitura estratigráfica não seja suficientemente clara para assumir, sem reservas, esta hipótese.

As estruturas de que estes muros fizeram parte não podem, infelizmente, ser sequer conjecturadas, uma vez que se trata de troços muito truncados. Tudo indica, portanto, que a ocupação e as respectivas construções da última fase implicaram a destruição das anteriores. Ainda assim a Lareira 7, no interior do compartimento 1, mas localizada em Unidade Estratigráfica anterior à construção deste último, fez parte integrante da arquitectura mais antiga do Cabeço Guião, tal como o Muro 7.

À ocupação pré-histórica não foi possível associar qualquer estrutura construída.

Mais difíceis de interpretar e mesmo de datar são as fossas escavadas na rocha de base identificadas a Sudoeste do espaço habitacional da última fase de ocupação (Fig. 4). Trata-se, como já se disse, de estruturas negativas de vários formatos (rectangulares, quadrangulares, circulares, ovais) e dimensão variada, escavadas no substrato geológico. Algumas poderiam ser consideradas «buracos» de poste (as rectangulares, as circulares e as ovais), que, assim sendo, suportariam um «alpendre» que poderia relacionar-se com o edifício do qual estão muito próximas. Lembre-se ainda que as entradas para os compartimentos deste conjunto arquitectónico abrem justamente para este espaço, sem estruturas construídas em altura, parecendo fazer sentido esta proposta de uma área exterior e «alpendrada», com ele conectada. Contudo, os dados estratigráficos não são completamente claros sobre a relação entre as duas realidades.



Figura 5. Fotografia da lareira 1.



Figura 6. Fotografia geral da área intervencionada.

Esta interpretação não parece válida para a fossa circular denominada 1, dadas as suas dimensões (1 m de diâmetro de abertura X 0,40 m de profundidade) e a existência do orifício central (Fig. 4). A possibilidade de se tratar de uma estrutura destinada a suportar um torno de madeira móvel não é de descartar, mas a esta interpretação é feita aqui com todas as reservas. As dificuldades no que se refere à sua cronologia e à sua relação com qualquer uma das fases ocupacionais detectadas permanece também neste caso.

3.3. OS MATERIAIS

Os materiais arqueológicos recolhidos no Cabeço Guião são muito numerosos, tendo-se contabilizado 1276 peças inventariáveis. Como é frequente, a cerâmica é a categoria mais abundante, sendo os metais raros. O espólio distribuía-se pelas diversas unidades estratigráficas e foi estudado tendo em consideração essa distribuição, devendo, contudo, deixar-se registado que foram as Unidades Estratigráficas [1] e [5] que ofereceram a grande maioria das peças, com 718 registos na primeira, aos quais corresponde um número mínimo de indivíduos (NMI, doravante referido apenas como «indivíduos», correspondendo maioritariamente nesta análise, salvo rara excepção, a bordos individualizáveis dos restantes pelas suas características) de 503 e 312 registos na segunda, aos quais correspondem 237 indivíduos. Nas restantes [2], [9] e [6] os números são muito inferiores, com cinco (três indivíduos) e um registo, correspondente a um indivíduo. A chamada Unidade Estratigráfica [0], superficial e revolvida, ofereceu 108 fragmentos cerâmicos classificáveis (83 indivíduos) e um outro metálico.

3.3.1. As cerâmicas da Unidade [1]

A cerâmica desta UE distribui-se por várias categorias, concretamente ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, cerâmica comum e cerâmica manual.

O número de fragmentos inventariáveis (bordo, fundo, parede decorada, asas) é de 1259, o que corresponde a um NMI de 827.

Na Unidade [1], o número de registos é de 718 (503 indivíduos).

3.3.1.1. *A cerâmica grega*

No Cabeço Guião, concretamente na UE [1], foi encontrado um fragmento de bordo de cerâmica ática. Corresponde a um *bolsal*, de fabrico ático (Fig. 8). Atendendo aos detalhes morfológicos e à evolução formal observada na Ágora de Atenas (Sparkes e Talbot, 1970: 107), podemos admitir que a peça do Cabeço Guião data do último quartel do século v a.n.e.. Com efeito, a parte superior da parede descreve uma curva simples, típica dos bolsais do século v, e não apresenta a dupla curvatura característica das peças do século iv a.n.e. (*ibidem*).

A cerâmica grega é muito escassa na área do estuário do Tejo, tendo sido reconhecida na área urbana de Lisboa, concretamente na Rua dos Correeiros (Arruda, 1997; Sousa, 2014: 110), com um fragmento do século v, e na rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Calado e Leitão, 2015: 321), com outro pintado com figuras vermelhas, do século iv. Outros vasos de cerâmica grega, mas ainda inéditos, foram recuperados nas escavações da Rua Augusta, no edifício da Zara, e no Castelo. No último caso, e a avaliar pelo que está exposto no núcleo museológico do Castelo, trata-se de 15 vasos pertencentes a taças Cástulo do século v e a *kylikes* do século iv, estas de figuras vermelhas.

No Castelo dos Mouros, em Sintra, na Quinta do Almaraz, em Almada e na Alcáçova de Santarém, escassos fragmentos de cerâmicas gregas foram encontrados em contextos diversos (Arruda, 1997; 2006), havendo ainda registo de um outro proveniente de Chões de Alpompe, em Santarém (Zbyzewsky, Ferreira e Santos, 1968: 51). Em trabalhos recentes efectuados no último dos sítios, dois bordos de *kylikes* decorados com figuras vermelhas foram também recuperados em nível da 2ª Idade do Ferro e puderam ser datadas do século iv.

3.3.1.2. *A cerâmica de engobe vermelho*

A cerâmica de engobe vermelho está presente nesta Unidade Estratigráfica através de um único fragmento de bordo (Fig. 8), facilmente incluído no Tipo 3Ba da tipologia criada para esta categoria cerâmica no Estuário do Tejo (Sousa, 2014: 122). Trata-se de uma taça carenada, que pode, ou não, ser de pé alto, destacado e canelado. Infelizmente, o que se conservou não permite saber com se desenvolvia, em profundidade, este vaso, uma vez que as taças de carena baixa e as de pé alto partilham entre si a morfologia do bordo e as características gerais da sua parte superior. De qualquer modo, chama-se a atenção para o facto de na Rua dos Correeiros este Tipo ser o mais bem representado no conjunto da cerâmica de engobe vermelho.

3.3.1.3. *As ânforas*

Nesta categoria, a UE [1] conta 71 fragmentos, dos quais 29 são indivíduos, a que se somam dois fundos e 40 asas (22 ovais com sulco central; duas ovais simples; 14 circulares; dois arranques) (Fig. 7).

Os tipos anfóricos representados são os 1 (10 exemplares), 3 (um exemplar), 4 (oito exemplares) e 6 (oito exemplares), da tipologia que Elisa Sousa e João Pimenta criaram para as ânforas do vale do Tejo (2014), havendo ainda a registar dois fragmentos que não podemos classificar.

As ânforas destes tipos foram todas produzidas no Estuário do Tejo ao longo da 2ª metade do 1º milénio a.n.e., à excepção de um único fragmento de bordo que integra o tipo B/C de Pellicer e que poderá ter sido importado da área do Guadalquivir.

O tipo 1, o mais numeroso neste contexto mais tardio do Cabeço Guião, cuja produção poderá remontar ainda ao século vii a.n.e., está bem difundido na área do Estuário do Tejo, sobretudo na foz, com presença conhecida em Lisboa e Vila Franca (Sousa e Pimenta, 2014: 305-306), mas mais a norte também foi reconhecida, como é o caso do Alto dos Cacos (*ibidem*). Este contentor foi fabricado até, pelo menos, aos finais do século v/inícios do iv, como ficou demonstrado na Rua dos Correeiros em Lisboa, onde foi englobado no tipo 1B (Sousa, 2014: 97-98).

Também o Tipo 4 (Sousa e Pimenta, 2014: 308), com oito exemplares, esteve em utilização no século v/inícios do iv, cronologia igualmente atestada na mesma rua da baixa lisboeta (Sousa, 2014: 101-103). A sua distribuição pelos sítios das áreas ribeirinhas

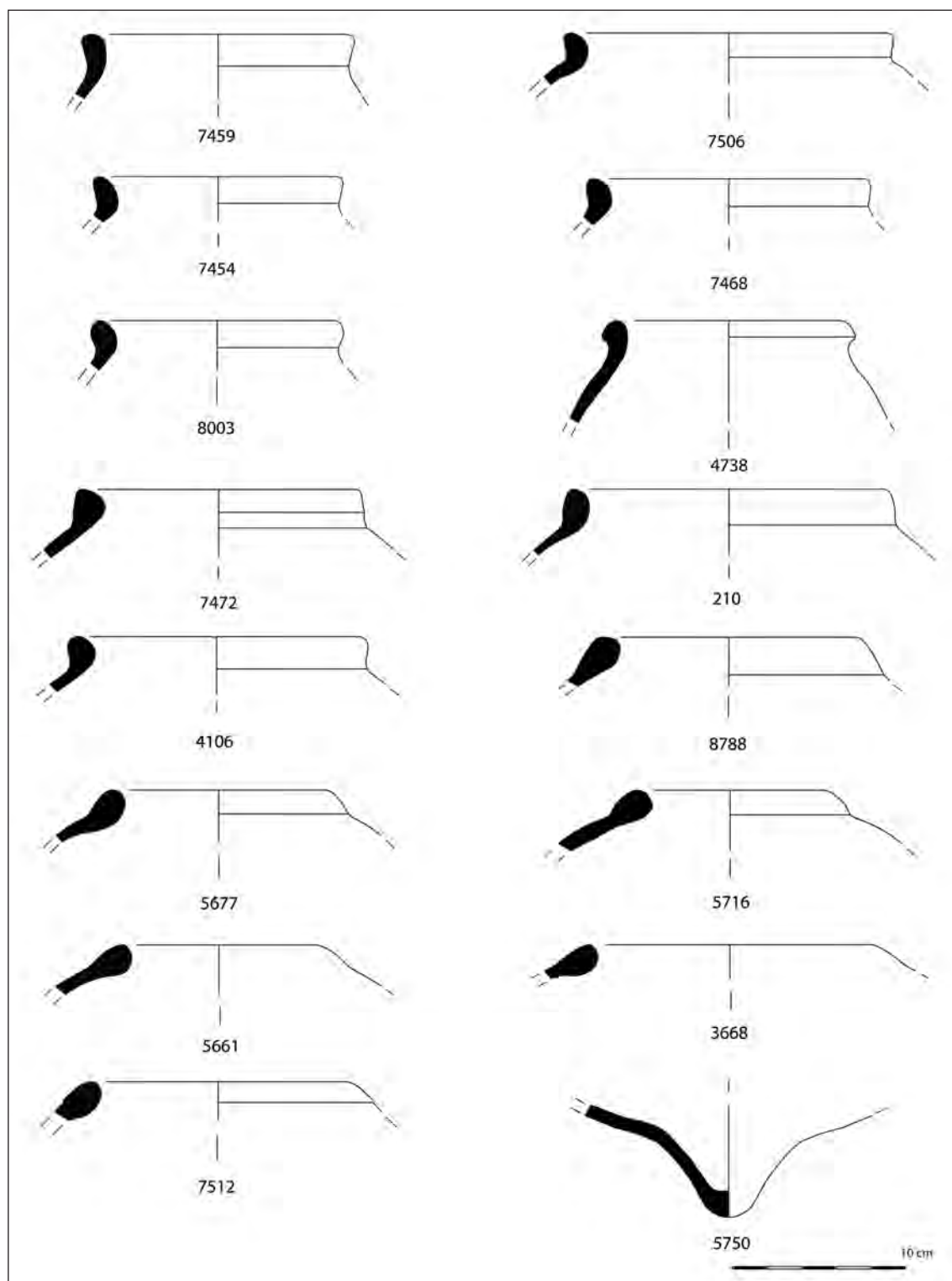


Figura 7. Cabeço Guião (U.E. [1]): ânforas do tipo 1 (7459, 7506, 7454, 8003, 7468), 3 (4738), 4 (7472, 210, 4106), 6 (5677, 5716, 5661, 3668, 7512, 8788) e fundo (5750).

do antigo Estuário do Tejo é vasta, estando presente em Lisboa, como já se fez referência, mas também em Almaraz, Moinho da Atalaia e Fiat de Alfragide, na Amadora, em Santa Eufémia, Sintra, na Eira da Alorna, em Almeirim, e no Alto do Castelo em Alpiarça (Sousa e Pimenta, 2014: 308).

A mesma cronologia de produção, finais do século v, foi admitida para alguns dos exemplares da forma 6 (*ibidem*), mas a sua produção e utilização prolongaram-se até aos alvares da romanização, como ficou evidenciado, por exemplo em Lisboa, quer em São João da Praça (em níveis do século iii) quer no Castelo de São Jorge (em níveis dos finais do II). A presença deste tipo anfórico em quase todos os sítios da Idade do Ferro do vale do Tejo, ribeirinhos e de interior, deve registar-se.

O tipo 3 da tipologia que adoptámos possui idêntica distribuição e idêntica cronologia de fabrico, embora os autores do referido quadro tipológico admitam que este último possa remontar ao século vi (*ibidem*: 306 e 308).

3.3.1.4. A cerâmica cinzenta

A cerâmica cinzenta está aqui representada por 88 fragmentos. Trata-se de 65 bordos, 19 fundos e quatro asas (Figs. 8 e 9). A classificação tipológica foi concretizada de acordo com a proposta de distinção formal de Elisa Sousa (2014).

No grupo das tigelas, identificámos 33 peças (Fig. 8), que se integram no tipo 1Aa, 1Ab, 1Ac (25, 5 e 2 exemplares respectivamente). Uma outra poderá corresponder a uma variante do tipo 1B.

Os pequenos potes, Série 3 de Sousa (2014: 291), são em menor número, 16 exemplares (Fig. 8), distribuindo-se pelos tipos 3Aa (um exemplar), 3Ac (um exemplar) e 3Ba (14 exemplares). Um outro pote de reduzidas dimensões aproxima-se do Tipo 4Ba (Fig. 8) da tipologia que utilizámos (*ibidem*; 292), sendo, porém, de dimensões mais reduzidas.

Na categoria dos potes, mas da Série 4, cabe ainda um bordo com arranque de asa, que, com reservas, integrámos na sub-variante 4Aa.1 (Fig. 9).

Um único jarro, do tipo 5Aa, foi identificado (Fig. 9).

Esta UE ofereceu outros 14 fragmentos de bordo de cerâmica cinzenta, que não têm paralelo na tipologia de Elisa Sousa. Em 11 casos, não se tornou mesmo possível uma aproximação à forma geral do recipiente. Os restantes correspondem a uma taça (Fig. 9) a um pote (Fig. 9) e a um pote ou jarro (Fig. 9).

Foram ainda recuperados 19 fundos (seis planos, dois anelares, com pé destacado, oito convexos e três convexos com pé indicado) e quatro asas, três circulares e uma oval.

A cerâmica cinzenta aqui mencionada não destoa em termos formais e quantitativos do que é conhecido para o baixo vale do Tejo. Com efeito, a tigela, concretamente a de forma hemisférica de paredes arqueadas e bordo simples e contínuo, Série 1, é o recipiente mais numeroso, como sucede, aliás, em todos os sítios da região, bem como, aliás, em outras áreas que sofreram processos de orientalização.

Abundantes são também os pequenos potes, situação que não destoa da já verificada nos mesmos territórios.

A dupla Tigela/Pequeno Pote forma, no Cabeço Guião, o par mais comum em cerâmica cinzenta, como sucede em outros sítios com uma cronologia do século v/inícios do iv a.n.e.

O jarro do Tipo 5A (Fig. 9) tem apenas um paralelo conhecido no Estuário do Tejo, concretamente em Moinho da Atalaia (Pinto e Parreira, 1978; Sousa, 2014: 228), sítio cuja ocupação sidérica tem vindo a ser datada dos finais do século v/inícios do iv a.n.e.. A forma é, portanto, raríssima, apesar de exemplares de maiores dimensões terem sido reconhecidos em Outorela I (Cardoso, 1994; Cardoso *et al.*, 2015), sítio cuja cronologia se situa também em torno à mesma época (*ibidem*).

3.3.1.5. A cerâmica comum

A cerâmica comum desta UE conta com 499 registos, correspondentes a 375 indivíduos (Fig. 9 a 14). Neste conjunto pudemos distinguir, através da análise das pastas e do tratamento das superfícies, dois fabricos distintos, um dos quais com origem em Lisboa (229 indivíduos, a que se somam 14 fundos e 13 asas) e outro local (146 indivíduos, mais 61 fundos, 31 asas e quatro paredes).

Relativamente aos vasos que quase seguramente foram importados de Lisboa, a lista de formas é extensa. Deve referir-se desde já que esta produção lisboeta está documentada através de dois dos quatro fabricos definidos para Lisboa (Sousa, 2014: 145), concretamente o I e o III. Tal como na área produtora, o Fabrico I é maioritário no Cabeço Guião, estando o III presente apenas em algumas panelas do Tipo 10Aa (Fig. 10) e nos jarros da Série 11 (Fig. 11).

A tigela (Fig. 9) está, também aqui, muito bem representada, com 23 indivíduos, que se distribuem por

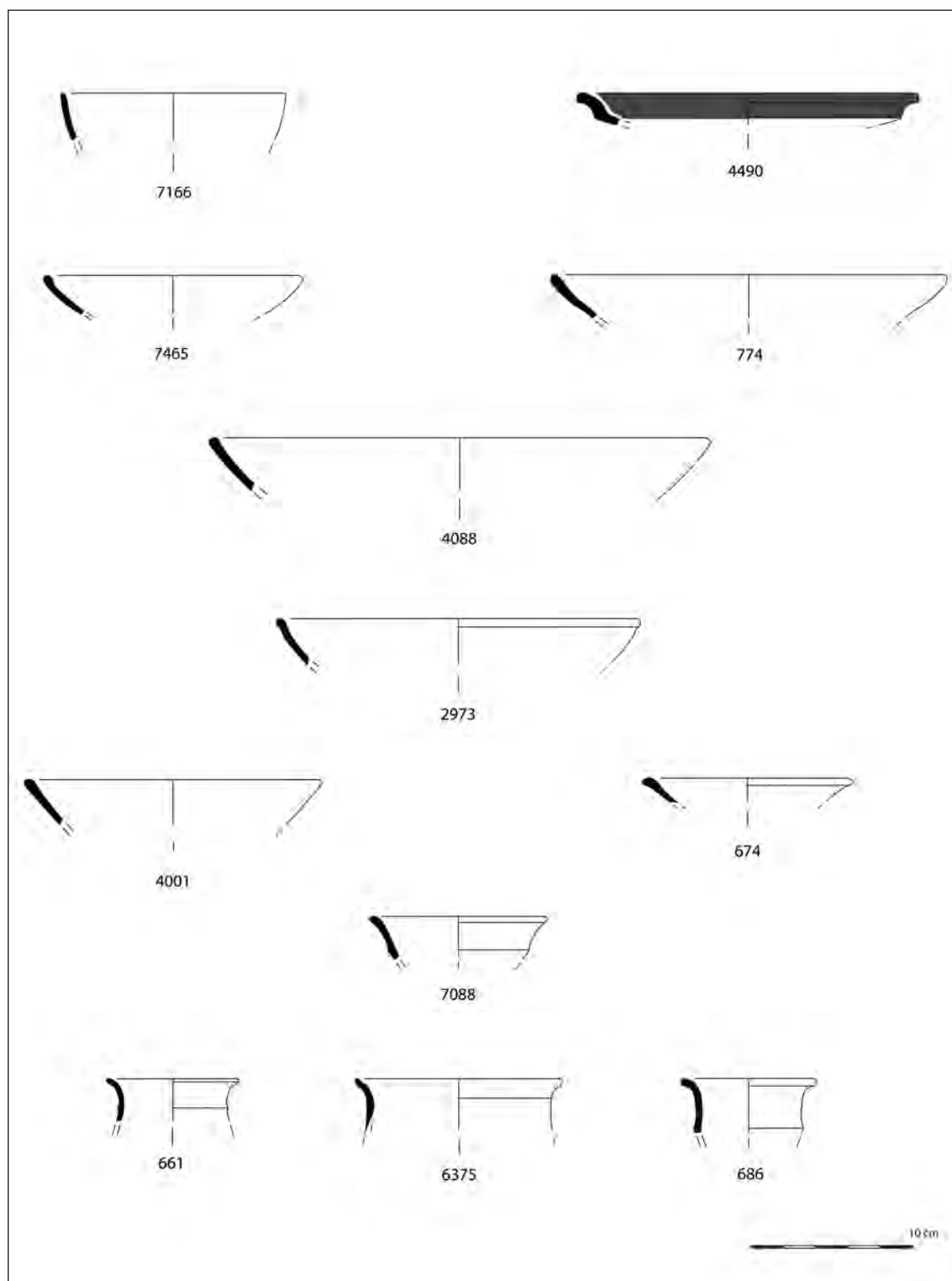


Figura 8. Cabeço Guião (U.E. [1]): bolsal (7166), cerâmica de engobe vermelho da forma 3Ba (4490), cerâmica cinzenta da forma 1Aa (7465, 774, 4088, 2973), 1Ab (4001), 1Ac (674), 1B (7088), 3Ac (661), 3Ba (6375) e 4Ba (686).

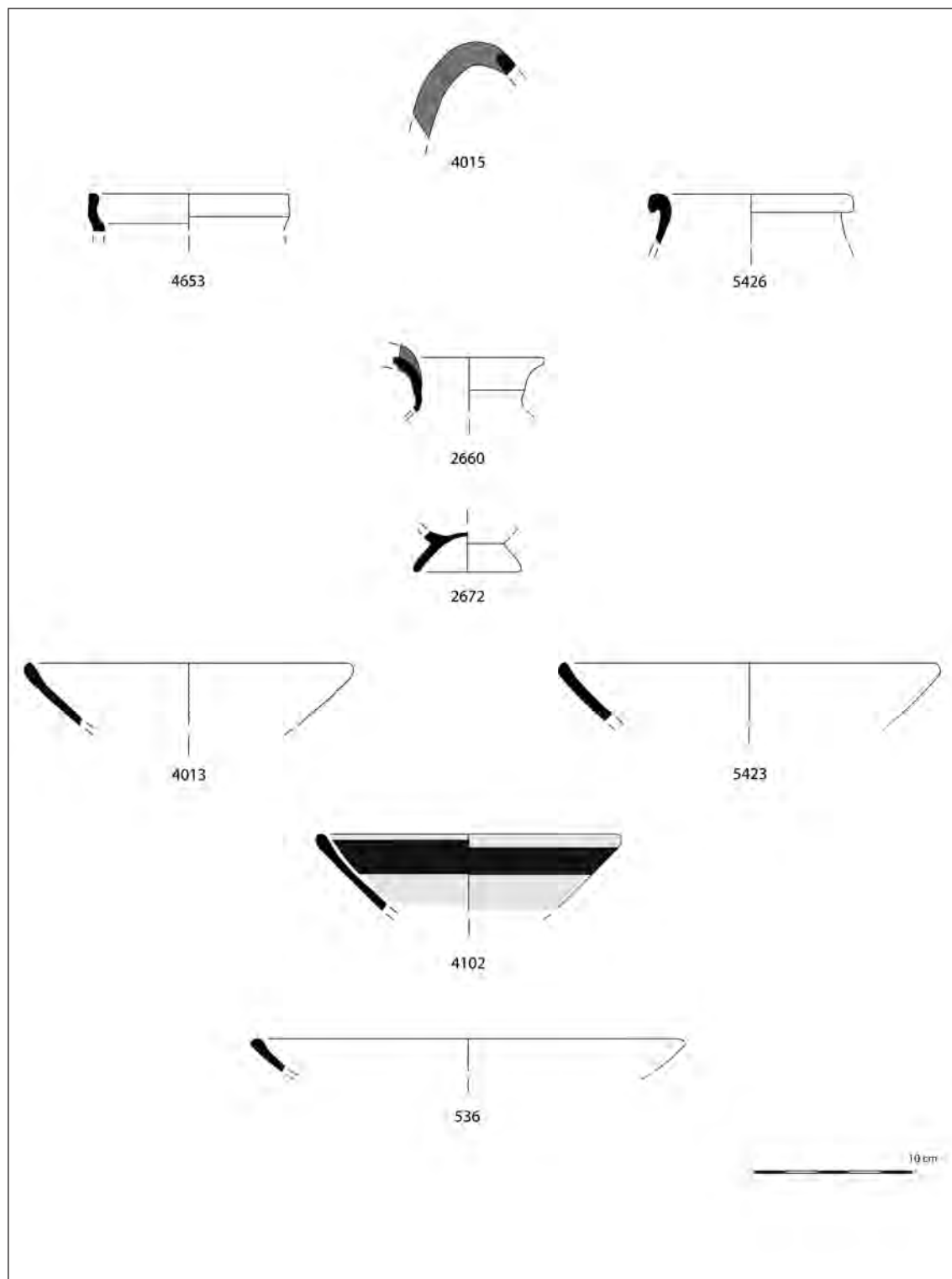


Figura 9. Cabeço Guião (U.E. [1]): cerâmica cinzenta da forma 4Aa.1 (4015), 4 (4653, 5426), 5Aa (2660) e fundo (2672); cerâmica comum da forma 1Aa (4013, 5423, 4102, 536).

três das variantes tipológicas reconhecidas na Rua dos Correeiros, em Lisboa (Sousa, 2014: 147), com uma clara predominância do tipo 1Aa (19 exemplares), de bordo simples e paredes arqueadas (Fig. 9). As do tipo 1Ab e 1Ac (Fig. 10) são meramente residuais, com um e três exemplares, respectivamente.

Um único bordo de taça de produção lisboeta foi recolhido, tendo sido possível a sua classificação tipológica, concretamente 2Ba (Fig. 10).

A tampa que coube no tipo 7 da mesma tipologia (*ibidem*: 148) é também exemplar único (Fig. 10).

Tal como é frequente em outros contextos da mesma região, as panelas (ou potes) constituem o grupo mais numeroso do conjunto da cerâmica comum do Cabeço Guião e também, naturalmente, desta UE [1], e mais concretamente da que consideramos uma produção de Lisboa, tendo sido contabilizadas 153. Destes vasos fechados e corpo globular ou ovóide, o tipo 10Ba (Fig. 12) é o mais numeroso (89 indivíduos), tal como aliás sucede em Lisboa, na rua dos Correeiros, para onde foi construída a tipologia que estamos a utilizar (*ibidem*: 170-171). Uma boa representação em termos numéricos é também conseguida pelo tipo 10 Bb (34 exemplares), muito semelhante ao anterior (Fig. 12), e que apenas se distingue dele por apresentar um lábio pendente e engrossado. Em conjunto, este grupo corresponde a 80% das panelas (ou potes) do Cabeço Guião. Também significativas em termos numéricos são as panelas do tipo 10Aa (34 indivíduos) (Fig. 11). Contudo, neste caso concreto, há que deixar registado que 27 pertencem a um grupo de fabrico específico (Grupo de Fabrico III da Rua dos Correeiros – *ibidem*: 145), bem disseminado por todos os sítios da Idade do Ferro da foz do Estuário do Tejo, e sete apresentam pastas mais depuradas, integráveis no Grupo I da Rua dos Correeiros, que, lembramos, é exclusivo nas outras formas, à excepção, como já referimos, de alguns jarros. Muito mais raras são as peças que couberam nos tipos Ca (duas) e 10Gc (uma), situação que se compagina com a observada em Lisboa (*ibidem*: 167, Fig. 193).

Os jarros (Fig. 11) são raros, dois, integrando-se nos tipos 11Aa (um) e 11Ba (um).

Representado por um único exemplar é o vaso do tipo 13A (Fig. 11).

Um pequeno vaso que não cabe na tipologia de referência pode corresponder a um unguentário (Fig. 11).

Quarenta bordos não foram passíveis de classificação formal, sendo considerados indeterminados.

Os fundos desta produção de Lisboa são apenas 14. Seis são simples (três planos e três convexos),

seis outros são em ônfalo e um apresenta um pé apenas indicado. Por fim, um outro apresenta pé alto e desenvolvido.

Dez asas são circulares e três são ovais, uma das quais evidencia um sulco externo.

Um fragmento de parede exhibe um traço inciso que faria certamente parte de uma decoração que não é possível caracterizar com detalhe (Fig. 11).

Com pastas locais, foram identificados 146 indivíduos. A grande maioria «imitou» as formas fabricadas em Lisboa, que, como tivemos oportunidade de analisar anteriormente, foram exportadas para o Cabeço Guião.

Assim, não se estranha que as panelas/potes sejam, uma vez mais, dominantes no conjunto, com 119 exemplares (Fig. 10 a 13). A variante mais representada é a 10 Aa, com 60 vasos, ainda que destes, 19 possam integrar o Tipo 10Cb (Fig. 13). Muito significativos são também os números alcançados para os tipos 10Bb (34 peças) e 10Ba (14 vasos) (Fig. 12). Sem surpresa, registamos que estes tipos são também os mais abundantes na produção de Lisboa importada para o sítio. As panelas ou potes dos tipos 10Aaa.1, 10Aa.2, 10Bc e 10 Cb (Fig. 13) são praticamente irrelevantes em termos numéricos, com 1, 2, 3 e 2, respectivamente. As bacias/alguidares estão representadas por um único exemplar que coube no Tipo 5Ca, tal como sucede com o pequeno pote do Tipo 9Aa (Fig. 11). Dois potes, morfologicamente distintos entre si, não cabem na tipologia desenhada para o Estuário do Tejo, sendo formas até agora exclusivas do Cabeço Guião (Fig. 14). 26 bordos são indeterminados quanto à forma.

Os fundos são numerosos (61), mas maioritariamente planos. Apenas um é convexo e o restante em ônfalo.

3.3.1.5.1. A cerâmica comum decorada

Na Unidade Estratigráfica [1], foram encontrados quatro fragmentos de parede de vasos decorados, aparentemente de fabrico local, um com incisões (sobre a carena) e três com estampilhas (Fig. 14).

Relativamente a estes últimos, devemos começar por dizer que a decoração estampilhada incidiu sobre recipientes cuja forma não é possível determinar, mas pode admitir-se que se trata de grandes potes, uma vez que as paredes são todas consideravelmente espessas (cerca de 14 mm.). Estaremos assim perante vasos estampilhados do Grupo II definido para o Sul de Portugal por Carlos Fabião (1998: 2, pp. 81-82).

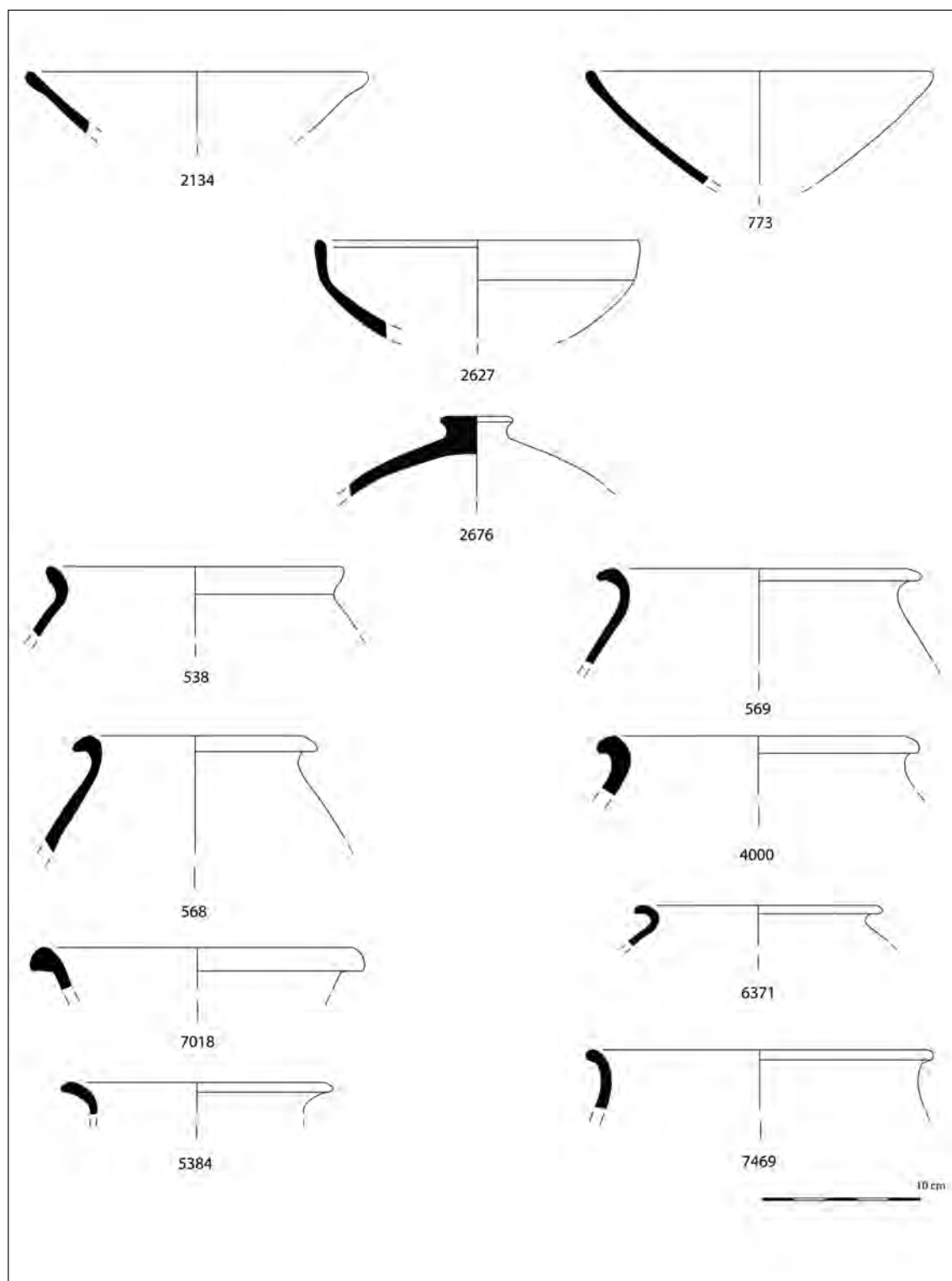


Figura 10. Cabeço Guião (U.E. [1]): cerâmica comum da forma 1Ac (2134, 773), 2Ba (2627), 7 (2676), 10Aa (538), 10Ba (569, 568), 10Bb (4000, 7018, 6371, 5384), 10Ca (7469).

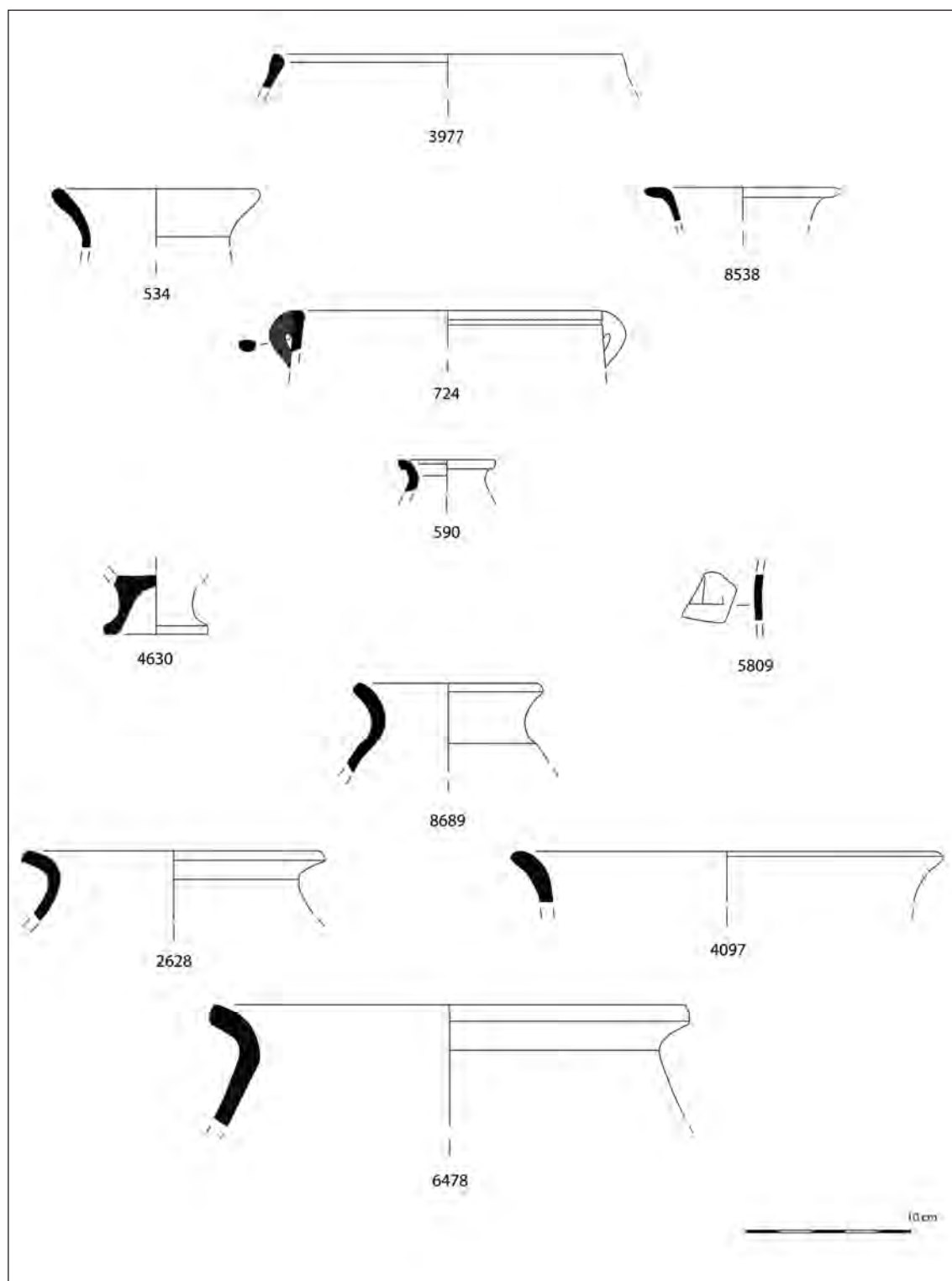


Figura 11. Cabeço Guião (U.E. [1]): cerâmica comum da forma 10Gc (3977), 11Aa (534), 11Ba (8538), 13A (724), pequeno vaso (590), fundo (4630) e parede (5809); produções locais que imitam a forma 9Aa (8689) e 10Aa (2628, 4097, 6478).

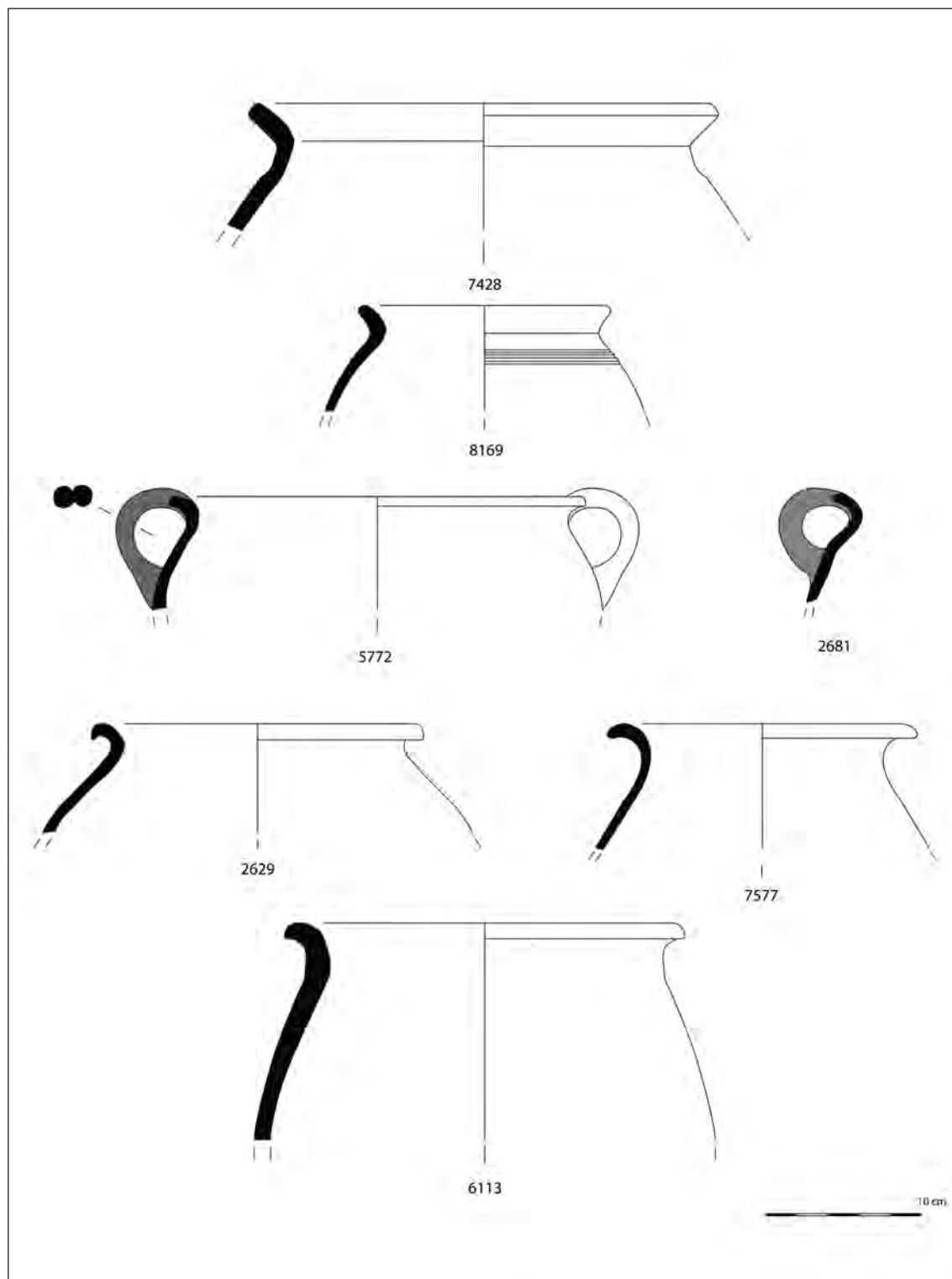


Figura 12. Cabeço Guião (U.E. [1]): produções locais que imitam a forma 10Aa (7428), 10Aa.1 (8169), 10Aa.2 (5772, 2681), 10Ba (2629), 10Bb (7577, 6113).

Um dos motivos é circular, com 16 mm de diâmetro, raiado, desenhando uma roseta, um dos mais frequentes na cerâmica estampilhada da Idade do Ferro.

Um outro é triangular, aparecendo os triângulos, preenchidos com um quadriculado, em duas fiadas

horizontais. O motivo não é frequente na cerâmica peninsular com decoração estampilhada.

O restante é constituído por pontos que desenhavam uma linha que pode ter sido simples e ondulante ou desenhavam o contorno de um triângulo.

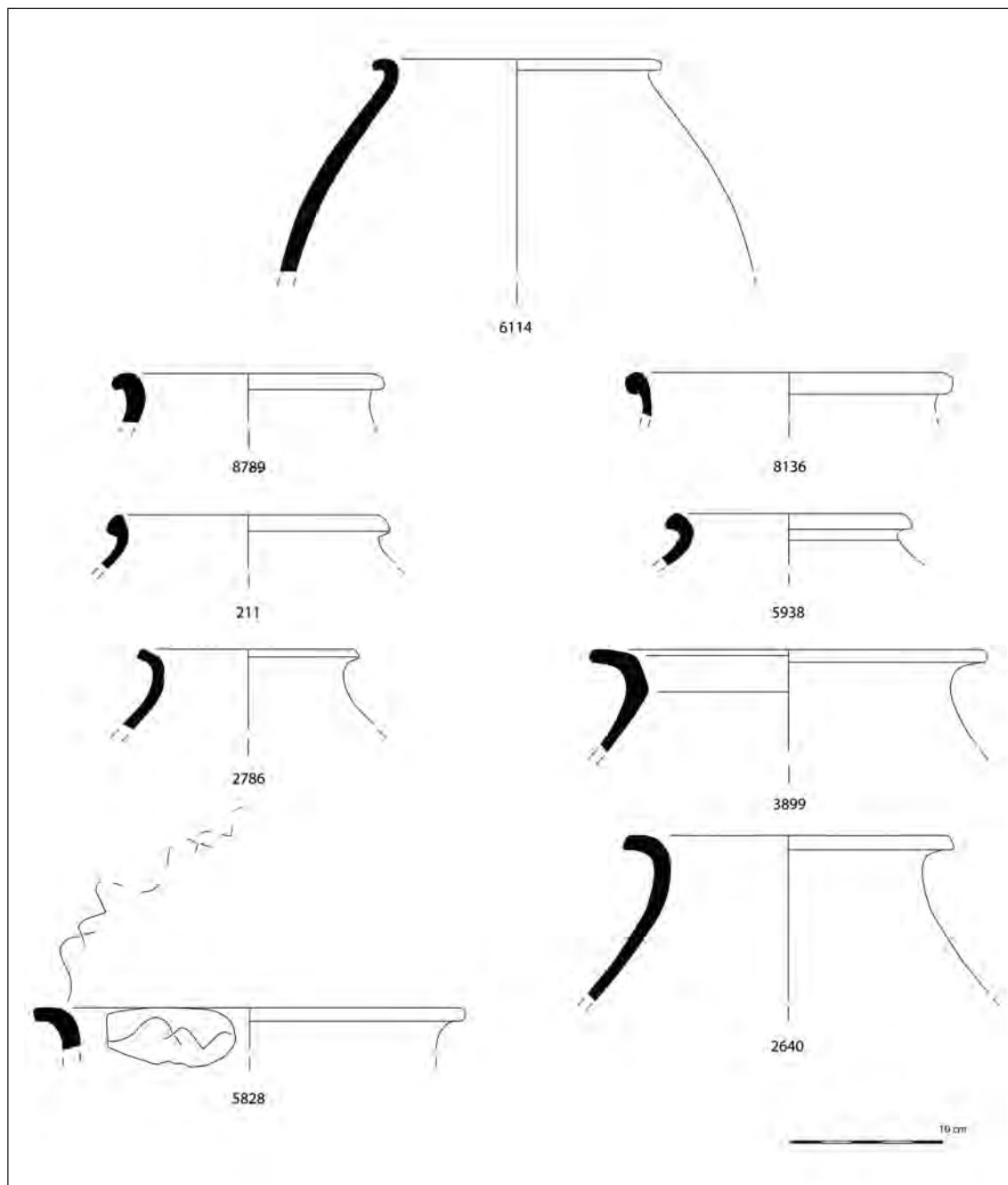


Figura 13. Cabeço Guião (U.E. [1]): produções locais que imitam a forma 10Bb (6114, 8789, 8136, 211, 5938), 10A/10C (2786, 3899, 2640, 5828).

As pastas indicam que se trata de produções locais, mas não é seguro se pertenciam a vasos fabricados ao torno ou a produções manuais com acabamento ao torno.

A cerâmica com decoração estampilhada é, praticamente, inexistente nos contextos sidéricos da Estremadura portuguesa, à excepção das cavidades cársicas da Serra dos Candeeiros, como é por exemplo o caso da Gruta da Nascente do Almonda (Arnaud e Gamito 1974/1977) e do Abrigo da Pena d'Água, ambos em Torres Novas (Carvalho, 1998). Poderia ainda referir-se, neste contexto, as cerâmicas estampilhadas de Lisboa, concretamente da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014), e da Lapa do Fumo (Arruda e Cardoso, 2013). Todavia, nestes casos, trata-se de motivos zoomórficos, muito distintos, portanto, das típicas decorações com estampilhas geométricas presentes no sítio do Cartaxo.

A decoração incisa sobre a carena de uma taça de cerâmica comum, formando uma linha ziguezagueante (Fig. 14), foi também registada, devendo chamar-se a atenção para o facto de este tipo decorativo ser frequente desde pelo menos o Bronze Final.

Um pote de cerâmica comum de produção local (Tipo 10A ou 10C) apresenta-se também decorado com linhas incisadas onduladas sobre o bordo e sobre a parede (Fig. 14).

3.3.1.6. *A cerâmica manual*

A cerâmica manual da UE [1] do Cabeço Guião é muito escassa, representando apenas 3,86% do conjunto (Fig. 14). Ainda assim é mais numerosa do que a registada nos sítios da Foz, onde atinge, por exemplo na Rua dos Correeiros em Lisboa, somente 0,20% (Sousa, 2014: 185).

São 32 indivíduos, a que devemos juntar 15 fundos.

A forma mais bem representada, com 18 indivíduos, é o pote de perfil em S, que é também a mais numerosa nesta produção nos sítios da foz do Tejo, como é o caso de Outorela (Cardoso *et al.*, 2015).

Três outros bordos correspondem a produções em cerâmica manual de painéis/potes da Série 10 de cerâmica comum, concretamente da 10Aa, da 10Bb e da 10Bc.

Ainda manuais são dois bordos que pertenceram a jarros.

Foram ainda identificados 15 fundos, todos planos, fabricados manualmente.

3.3.2. As cerâmicas da UE [5]

Na Unidade [5], registaram-se 312 fragmentos cerâmicos passíveis de classificação formal, que correspondem a 237 indivíduos.

3.3.2.1. *A cerâmica de engobe vermelho*

A UE [5] ofereceu um único vaso de cerâmica com as paredes cobertas por engobe vermelho (Fig. 16). Trata-se de um arro, incluível na forma 7Aa do Estuário do Tejo, presente, ainda que de forma escassa, na Rua dos Correeiros, em Lisboa, em contextos do século V/inícios do IV a.n.e. (*ibidem*: 126).

3.3.2.2. *As ânforas*

São 13 os fragmentos de bordo que classificamos como ânforas, a que podemos juntar um fundo e 10 asas, das quais sete são ovais, tendo seis delas sulco central. Duas outras são circulares e a restante é apenas o arranque.

Os bordos puderam relacionar-se com os tipos do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), tendo-se verificado uma distribuição muito semelhante à observada na [1]. O Tipo 1 (Fig. 15) é também o mais bem representado (com seis exemplares), seguido igualmente do 4, nesta UE, com cinco indivíduos. Do Tipo 3 reconheceu-se apenas um fragmento (Fig. 16), tal como no nível mais recente. As diferenças entre as duas fases dizem respeito aos tipos 6 e 7, o primeiro com oito exemplares na UE [1] e sem representação na [5] e o segundo com um fragmento registado nesta última (Fig. 16) e sem presença na [1].

Resta-nos, pois, comentar o Tipo 7, cuja cronologia é difícil de definir, ainda que os contextos em que tem vindo a ser identificada o permitam admitir o seu fabrico até ao final do século II a.n.e. (*ibidem*). Refira-se ainda a sua ausência em contextos do século V/inícios do IV, concretamente na Rua dos Correeiros (Sousa, 2014).

3.3.2.3. *A cerâmica cinzenta*

A cerâmica cinzenta está presente nesta UE do Cabeço Guião com 96 registos, que correspondem a 67 indivíduos, a que se podem somar 27 fundos e duas paredes.

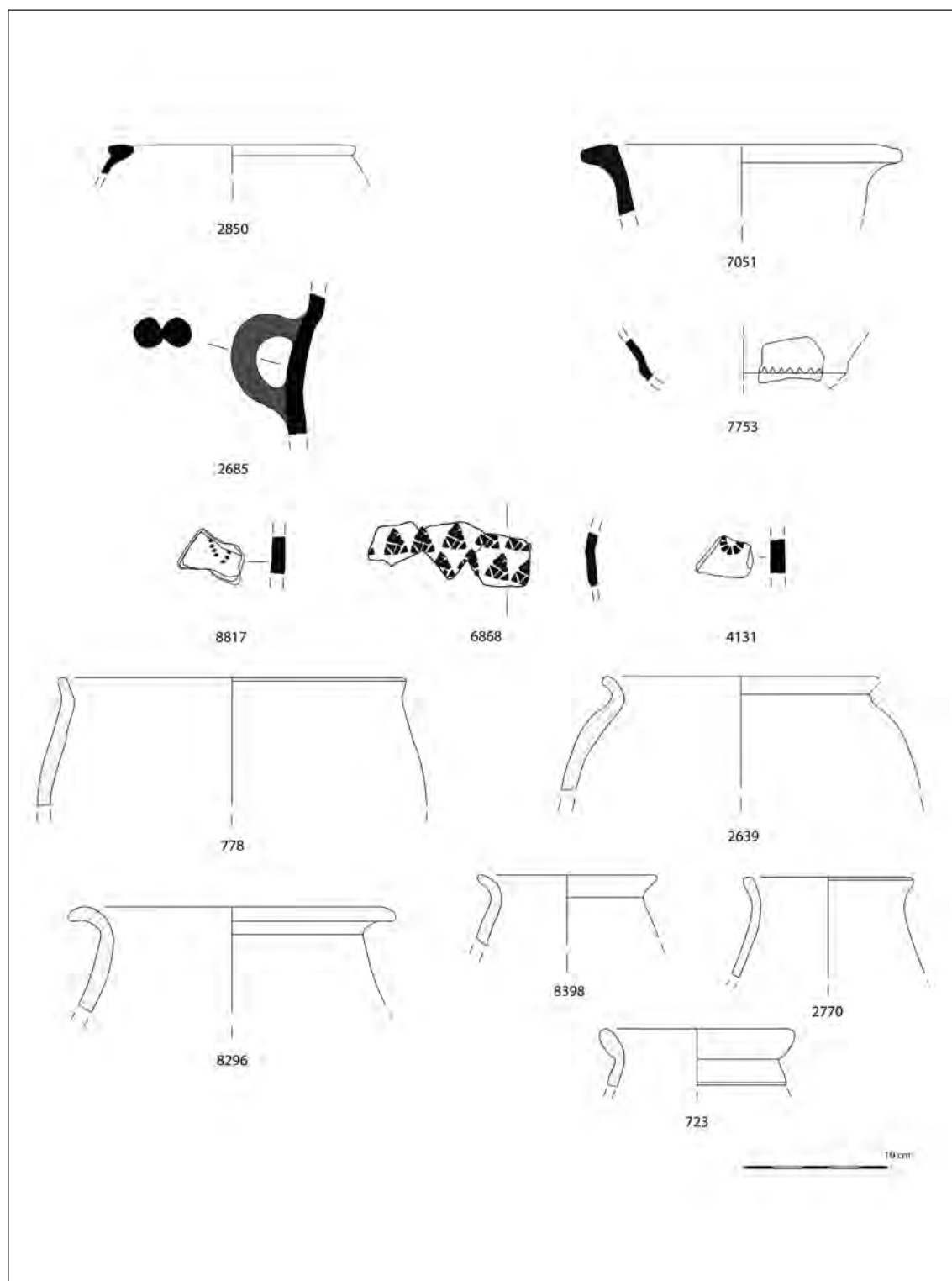


Figura 14. Cabeço Guião (U.E. [1]): produções locais - potes/panelas (2850, 7051), asa (2685) e paredes decoradas (7753, 8817, 6868, 4131); cerâmica manual - potes/panelas (778, 2639, 8296) e pequenos potes ou jarros (8398, 2770, 723).

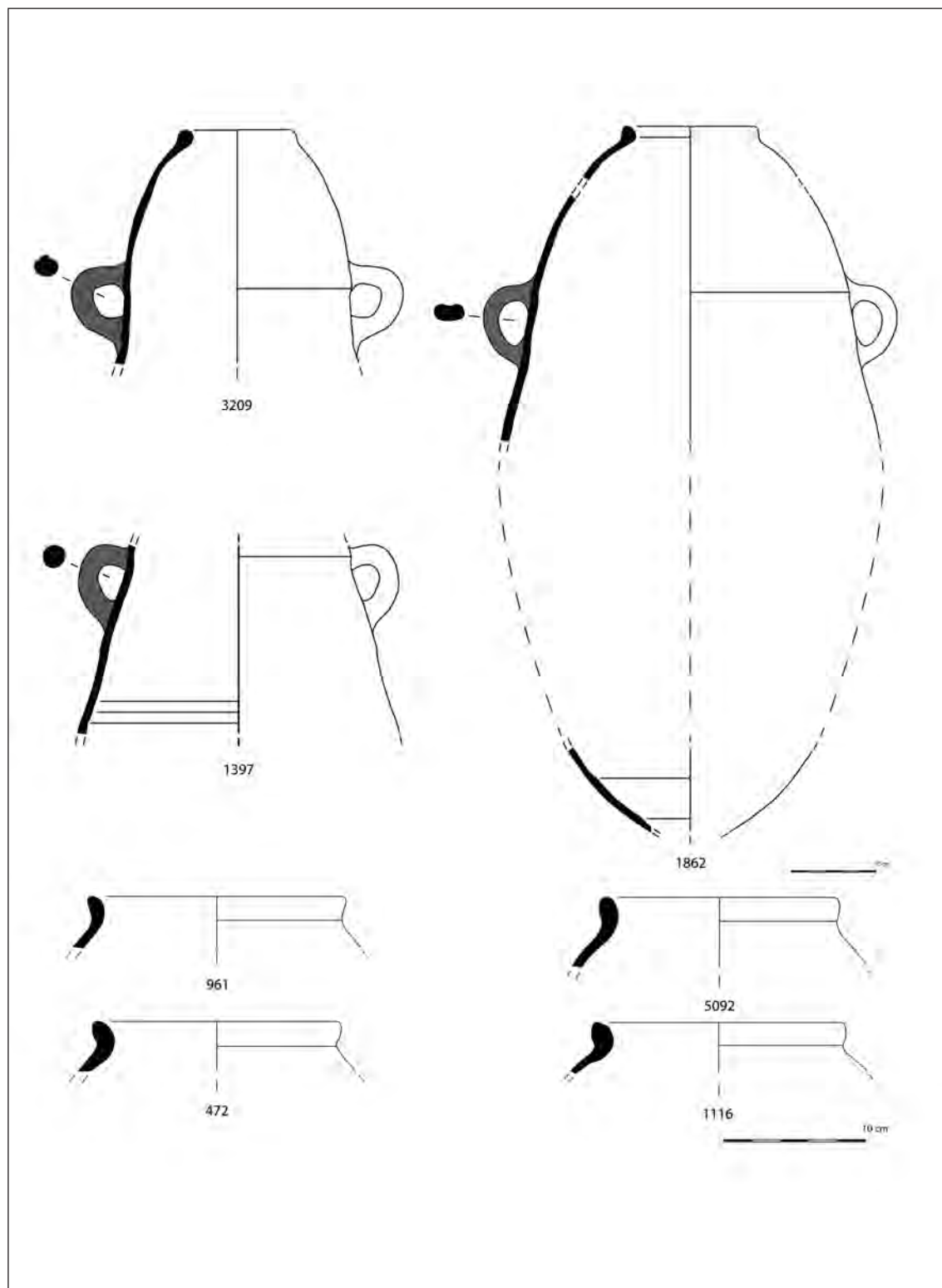


Figura 15. Cabeço Guião (U.E. [5]): ânforas do tipo 4 (3209, 1862) e 1 (961, 5092, 472, 1116).

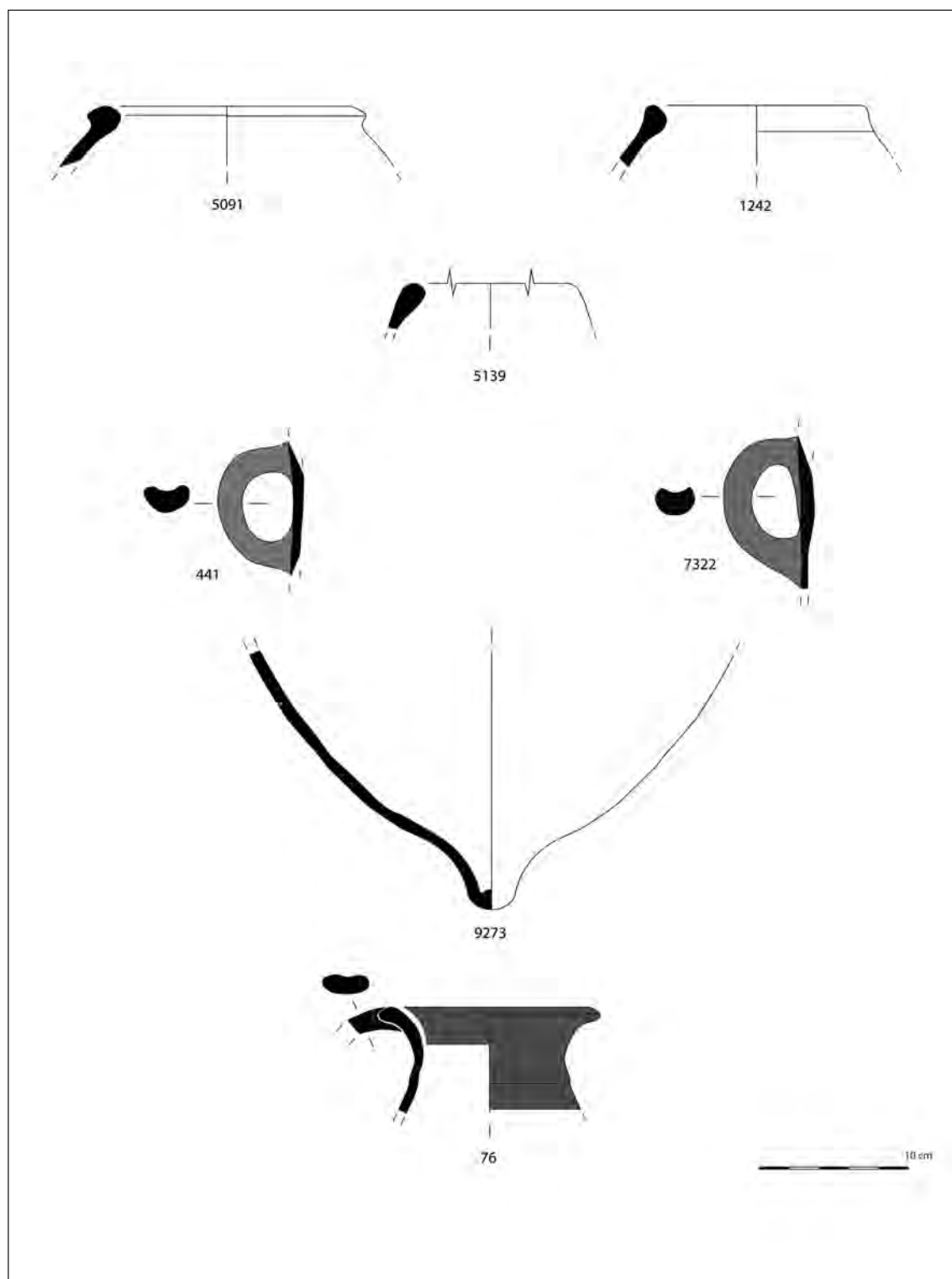


Figura 16. Cabeço Guião (U.E. [5]): ânforas do tipo 3 (5091), 4 (1242), 7 (5139), fragmentos de asa (441, 7322) e de fundo (9273); cerâmica de engobe vermelho da forma 7Aa (76).

Tal como sucede na UE [1], as tigelas são a forma mais abundante em cerâmica cinzenta, com 38 exemplares (Fig. 17 e 18), estando presentes os mesmos tipos, com praticamente a mesma representatividade (1Aa: 30; 1Ab: 5; 1Ac: 3).

Os pequenos potes da Série 3 (Fig. 18) seguem-se em número (15), como também acontecia na UE [1] (16), e, uma vez mais, o Tipo 3Ba é o mais bem representado (13 indivíduos), contabilizando um do Tipo 3Aa e outro do Tipo 3Ac.

Duas taças do Tipo 2Ba (Fig. 17) foram recolhidas no Cabeço Guião e integram-se nesta UE, que corresponde à primeira ocupação da Idade do Ferro do sítio. Trata-se de vasos com uma moldura muito desenvolvida a meio da parede externa, e que terão pés consideravelmente altos. Esta forma, que não está presente na Rua dos Correeiros (Sousa, 2014), foi, contudo, documentada em Moinhos da Atalaia, Amadora (Pinto e Parreira, 1978; Sousa, 2014), em Freiria, Cascais (Cardoso e Encarnação, 2013) e em Outurela, Oeiras (Cardoso *et al.*, 2014).

Um bordo pode ter pertencido a um jarro idêntico aos que foram recuperados em Outorela (Cardoso, 1994; Cardoso *et al.*, 2014) (Fig. 18) e onze peças não foram passíveis de classificação formal.

Quanto aos fundos (Fig. 18), seis são de pé alto e desenvolvido, podendo corresponder a taças do Tipo 2Ba, 12 são convexos, três dos quais com pé destacado, nove são planos, tendo dois deles pé indicado.

Dois fragmentos de parede foram individualizados. Um apresenta decoração incisa, de traço fino, que parece desenhar uma linha ziguezagueante, ou (Fig. 18), e outro um conjunto de perfurações de pequeno diâmetro, concentrado numa área específica (Fig. 18), sendo a funcionalidade de difícil interpretação, podendo avançar-se, com reservas, a de coador.

3.3.2.4. A cerâmica comum

A cerâmica comum da UE [5] do Cabeço Guião é abundante, tendo-se contabilizado 170 fragmentos classificáveis, que correspondem a 141 indivíduos a que se somam 24 fundos, três paredes e duas asas.

Tal como acontecia na UE [1], as importações de Lisboa, com dois fabricos distintos (I e III), dominam na cerâmica comum (107 indivíduos em 141), com 76%. Registe-se, desde já, contudo, que o Fabrico III foi documentado apenas nas panelas do Tipo 10Aa (Fig. 19) e no jarro da Série 11 (Fig. 20), situa-

ção também verificada na Unidade Estratigráfica correspondente à última ocupação.

Uma vez mais, as panelas (ou potes) da Série 10 são a forma mais abundante, totalizando 70 vasos, distribuídos pelos tipos: 10Aa (Fig. 19-21), 16 exemplares (10 do Grupo III; seis do Grupo I); 10Aa.1 (Fig. 19), três (todas do Grupo III); 10Aa.3, (Fig. 19) um exemplar (com asa interna, de tipo «cesta»); 10Ba (Fig. 19), 26 exemplares; 10Bb (Fig. 19), 30 exemplares; 10Ca (Fig. 20), um exemplar.

As tigelas da Série 1 são apenas 12, todas integrando o Tipo 1Aa, e o Tipo 2Ba (Fig. 19) (taças carenadas) está representado por uma única peça.

Uma peça é difícil de integrar na tipologia que temos utilizado (Fig. 19), porque pode pertencer quer a uma pátera igual à que foi também recolhida nesta UE (Tipo 4Ba), que por estar completa não levanta qualquer dúvida de classificação e que comentamos abaixo, quer a um prato do Tipo 3Aa, que tem fundo plano, com pé apenas indicado.

O Tipo 4Ba (Fig. 19), de que, como já se referiu, se recuperou uma peça inteira, aproxima-se formalmente de páteras de engobe vermelho, também chamadas «taças de pé alto», que foram reconhecidas em Almaraz (Barros *et al.* 1993). São constituídas por duas partes, uma com a forma de um prato, baixo, de perfil carenado e paredes côncavas, fundo interno profundo, a que se acrescentou um pé alto, muito desenvolvido, com múltiplas caneluras. Não é improvável que o fragmento de bordo e parede de engobe vermelho da UE [1] que foi recolhido no Tipo 3Aa possa corresponder a uma destas páteras. Mas, tal como na cerâmica comum, a inexistência de fundo impede uma classificação mais rigorosa. Na Rua dos Correeiros, em Lisboa, este tipo de vaso está presente quer na categoria de engobe vermelho (Sousa, 2014: 123) quer na da cerâmica comum (*ibidem*: 159-160), sendo cronologicamente datado dos finais do século v/inícios do iv. Ainda que a forma se assemelhe a vasos identificados na necrópole de Medellín (Almagro Gorbea, 2008: 601), a verdade é que o «barroquismo» dos exemplares na foz do Estuário do Tejo é inédito. Refira-se por fim que as peças do Cabeço Guião são «cópias» quase exactas dos «protótipos» da Rua dos Correeiros.

Os jarros são também muito raros nesta UE mais antiga. Trata-se de um único exemplar que cabe no Tipo 11Ab (Fig. 20) da tipologia construída para a foz do Estuário do Tejo (Sousa, 2014: 293-301). Deve ainda referir-se que as características físicas da pasta permitiram a sua inclusão no Grupo de Fabrico III de Lisboa (*ibidem*:89).

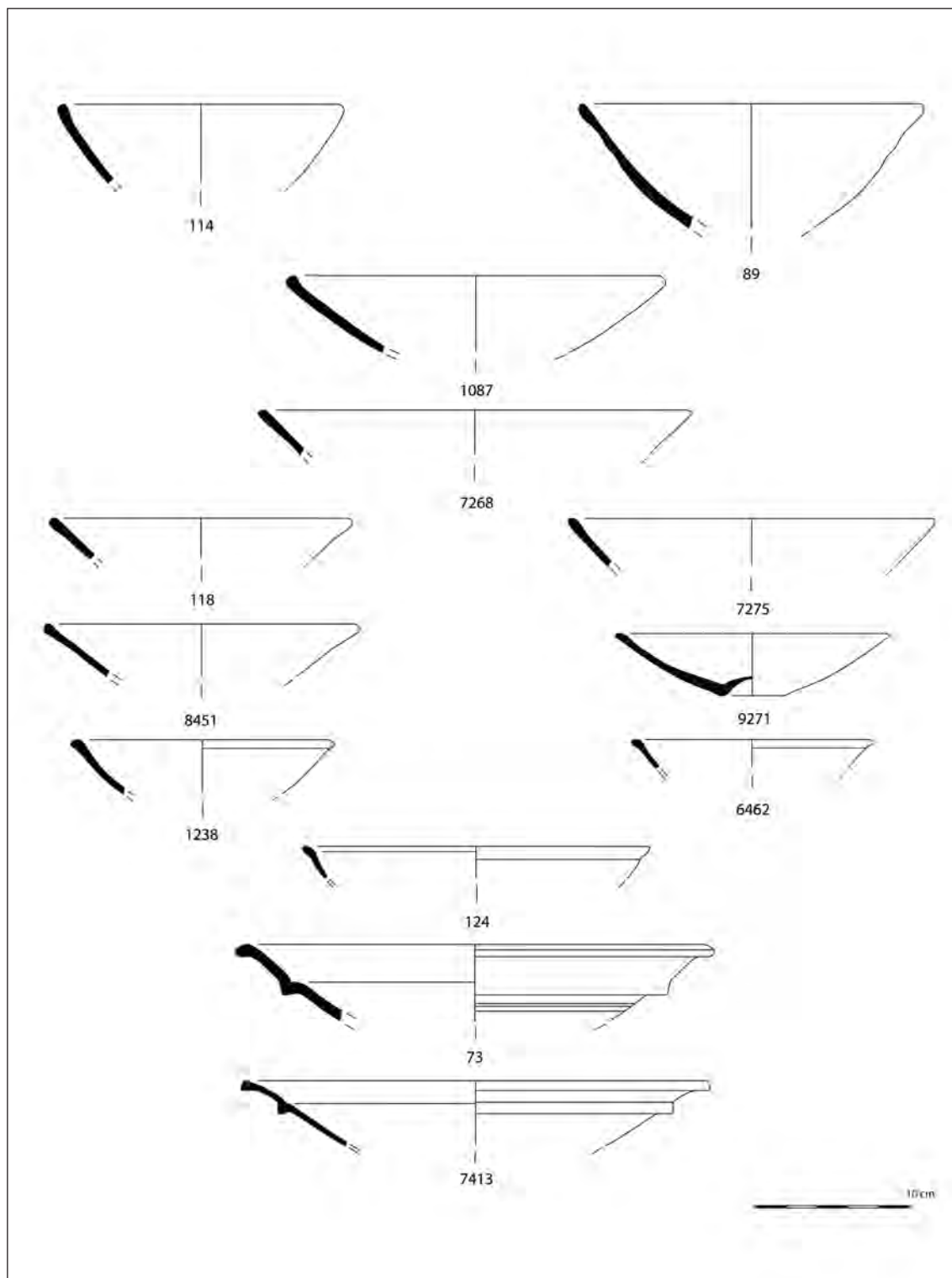


Figura 17. Cabeço Guião (U.E. [5]): cerâmica cinzenta da forma 1Aa (114, 89, 1087), 1Ab (7268, 118, 7275, 8451, 9271), 1Ac (1238, 6462, 124) e 2Ba (73, 7413).

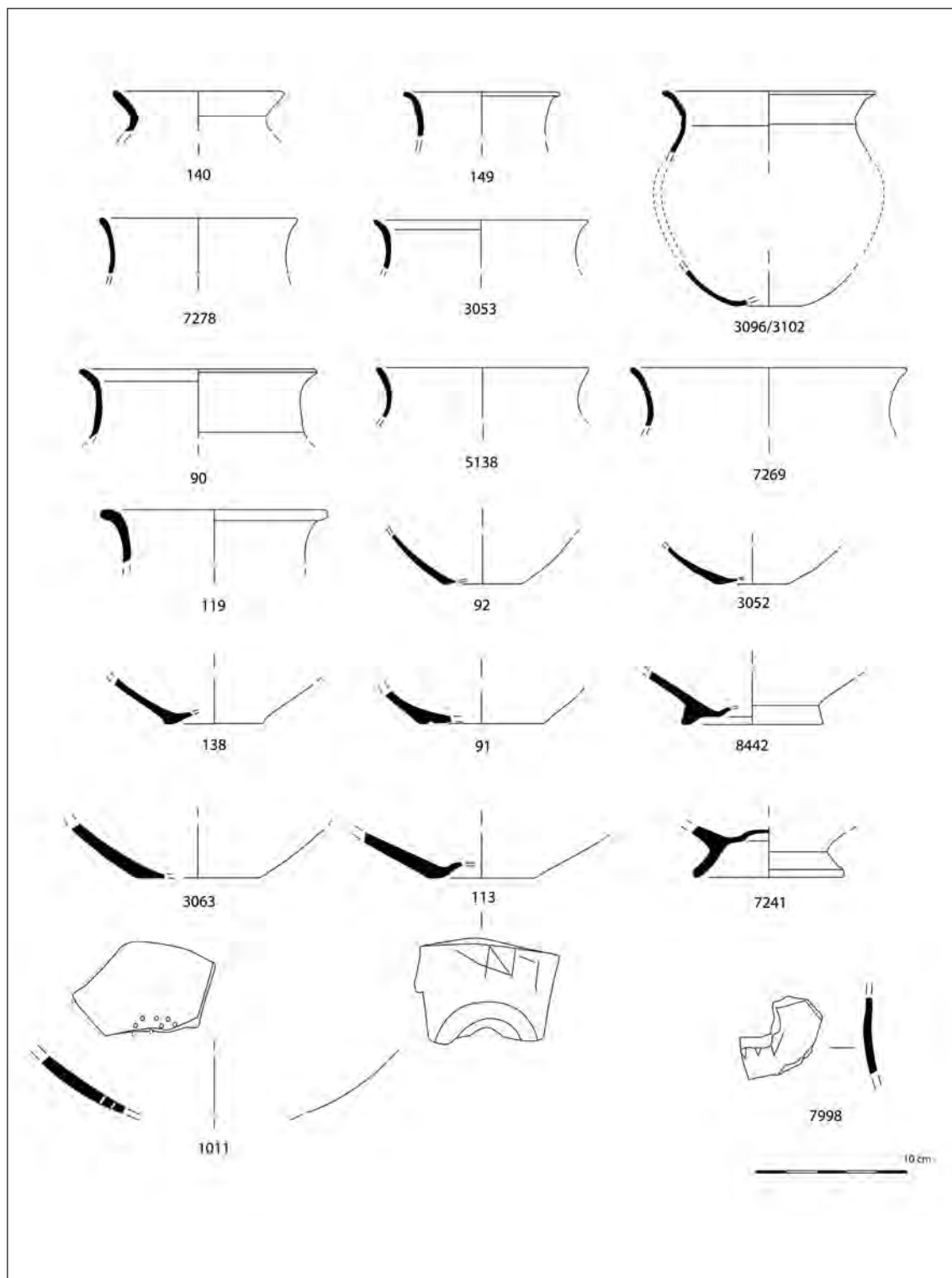


Figura 18. Cabeço Guião (U.E. [5]): cerâmica cinzenta da forma 3Ac (140), 3Ba (149, 3053, 3096/3102, 7278, 90, 5138, 7269), jarro (119), fundos (92, 3052, 138, 91, 8442, 3063, 113, 7241), parede perfurada (1011) e com decoração incisa (7998).

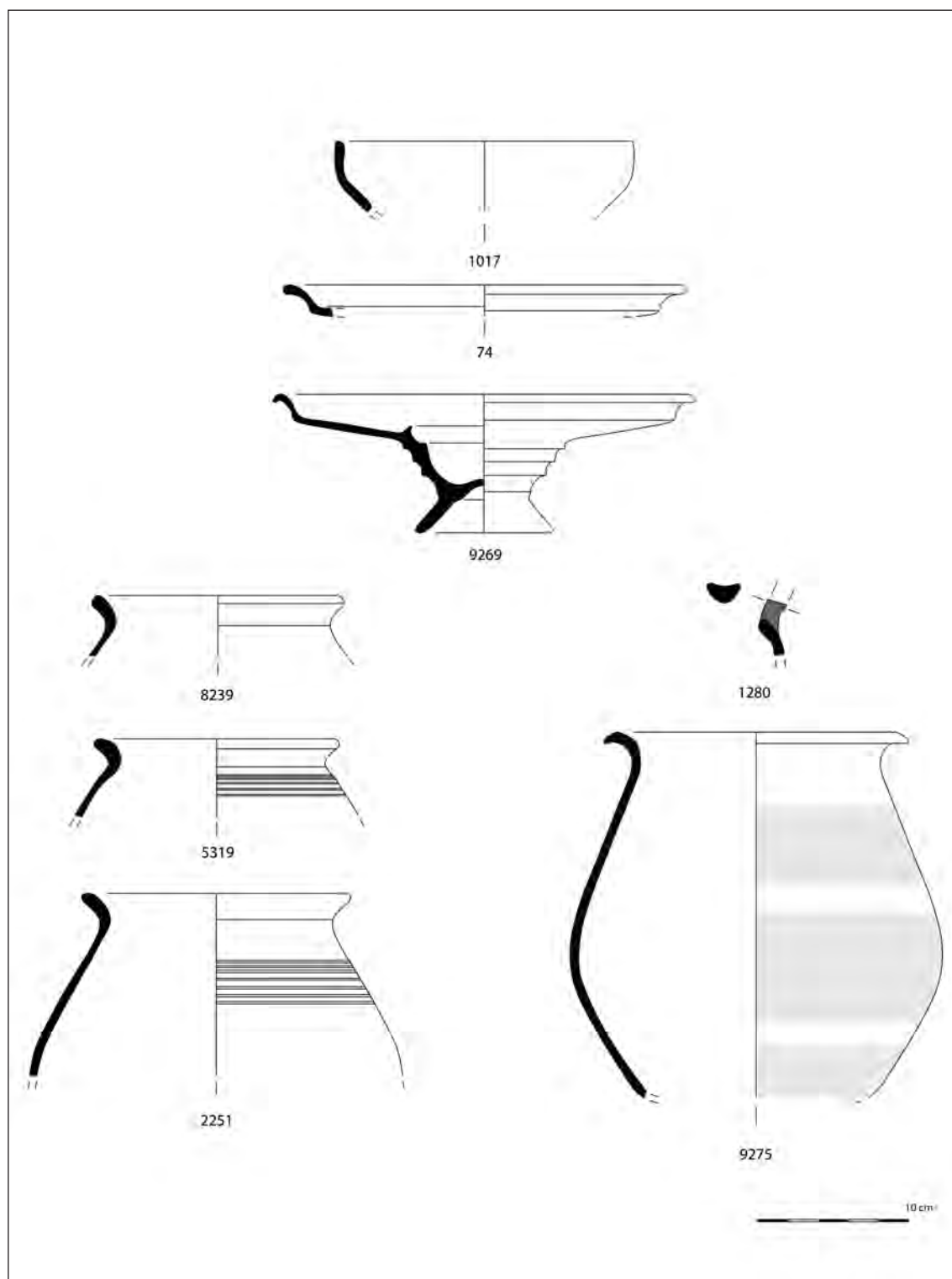


Figura 19. Cabeço Guião (U.E. [5]): cerâmica comum da forma 2Ba (1017), 3Aa/4 (74), 4Ba (9269), 10Aa (8239), 10Aa.1 (5319, 2251), 10Aa.3 (1280) e 10Ba (9275).

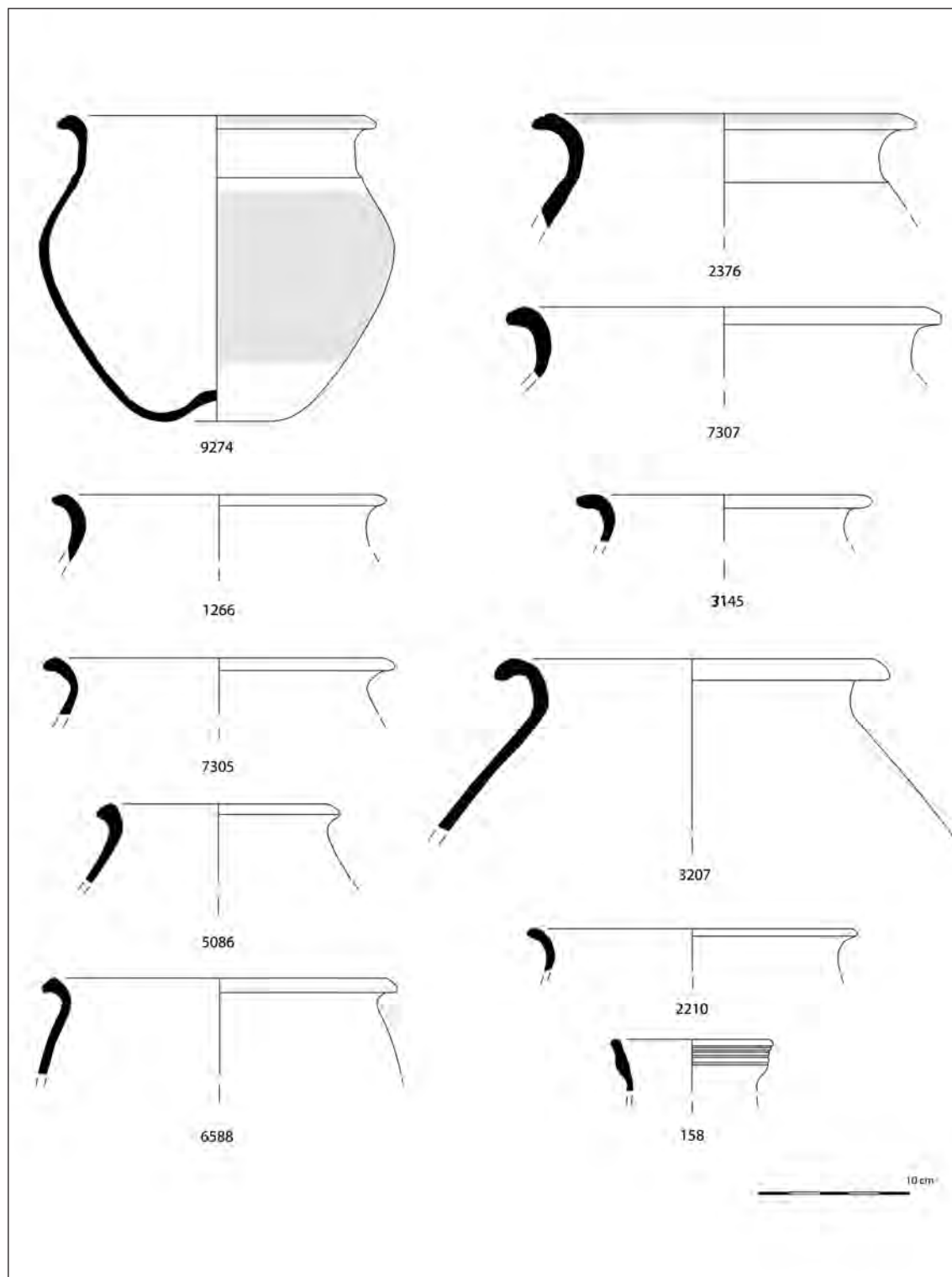


Figura 20. Cabeço Guião (U.E. [5]): cerâmica comum da forma 10Bb (9274, 2376, 7307, 1266, 3145, 7305, 5086, 3207, 6588), 10Ca (2210) e 11Ab (158).

Catorze bordos não permitiram uma classificação formal, pelo que foram considerados indeterminados.

Para além destas peças, foram recolhidos 11 fundos. Quatro planos (Fig. 21), um dos quais com pé apenas indicado, um convexo também com pequeno pé indicado, três em ônfalo e outros três de pé alto e desenvolvido.

Em cerâmica comum local, registaram-se, nesta Unidade Estratigráfica, 34 indivíduos, sendo as panelas a forma mais frequente, concretamente as do Tipo 10Aa (Fig. 21) (12 indivíduos). Esta realidade é em tudo idêntica à verificada nos vasos importados de cerâmica comum, bem como, aliás, nas produções locais de cerâmica comum da UE [1]. Os tipos 10Ba (Fig. 21) e 10Bb (Fig. 21) somam 11 indivíduos, com três e oito exemplares respectivamente, havendo ainda uma destas formas fechadas (Fig. 21) que pode corresponder a uma 10Aa ou a uma 10Cb.

As tigelas, do Tipo 1Aa, estão escassamente representadas, contando-se apenas dois indivíduos.

Um bordo ligeiramente exvertido e parede vertical não cabe na tipologia da cerâmica comum do Estuário do Tejo, mas pode ter pertencido a um pote (Fig. 21).

Seis fragmentos são inclassificáveis quanto à forma, integrando o grupo dos indeterminados.

Duas asas foram reconhecidas nesta produção, sendo uma circular e outra oval.

Os fundos são maioritariamente planos (12), um dos quais possui um pequeno pé apenas indicado. Um outro é em ônfalo.

3.3.2.4.1. *A cerâmica comum decorada*

Dois fragmentos de parede de cerâmica comum fabricada localmente recolhidos nesta UE estavam decorados (Fig. 22). Num deles, a decoração é estampilhada, de tipo geométrico, e, da fiada de impressões obtidas com a mesma matriz, são visíveis apenas duas, que estão incompletas. O que existe, contudo, permite admitir que se tratava de matrizes sub-retangulares, de cantos arredondados, preenchidas por um reticulado irregular.

Um outro fragmento de cerâmica comum apresenta na superfície externa traços incisos, pós-coze-

dura, que não aparentam formar qualquer tipo de composição decorativa (Fig. 22).

3.3.3. As cerâmicas da UE [2]

A UE [2], que, como já referimos em 3.1, é difícil de interpretar do ponto de vista do faseamento, ofereceu 120 fragmentos cerâmicos que puderam ser classificados, dos quais 93 são indivíduos.

3.3.3.1. *As ânforas*

Contabilizaram-se 11 fragmentos, que correspondem a seis indivíduos, a que se somam cinco asas (quatro ovais com sulco profundo e longitudinal e uma circular) (Fig. 23). Os bordos distribuem-se pelos Tipos 1 (três exemplares) e 4 (três exemplares) do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), exactamente os mesmos dois que tinham sido identificados na UE [5] e que eram também os maioritários na UE [1].

3.3.3.2. *A cerâmica cinzenta*

A cerâmica cinzenta desta Unidade Estratigráfica tinha 27 registos, dos quais 22 são indivíduos (Fig. 23).

As tigelas são maioritárias, tal como já acontecia nas Unidades anteriormente descritas, cabendo sete no Tipo 1Aa e duas no Ab.

Também tal como acontecia nas UE [1] e [5] os pequenos potes seguem-se em número, oito, podendo recolhidos no Tipo 3Ba.

Um único pote do Tipo 4Aa foi recuperado nesta UE, Série ausente da [5] e representada por um único exemplar na [1], ainda que de outro Tipo, o 4Ba.

Quatro indivíduos não puderam, dadas as suas reduzidas dimensões, ser classificadas quanto à forma. Um destes, contudo, corresponde a um colo alto e estreito, hiperbolóide, decorado com caneluras, do qual arranca um corpo que aparenta ser ovóide. Estas características morfológicas podiam indicar estarmos na presença de um jarro, no entanto muito distinto dos já conhecidos para a área do Estuário do Tejo, quer em Lisboa, quer em Outorela, por exemplo.

Cinco fundos de cerâmica cinzenta foram reconhecidos, sendo dois convexos, dois de pé alto e um plano.

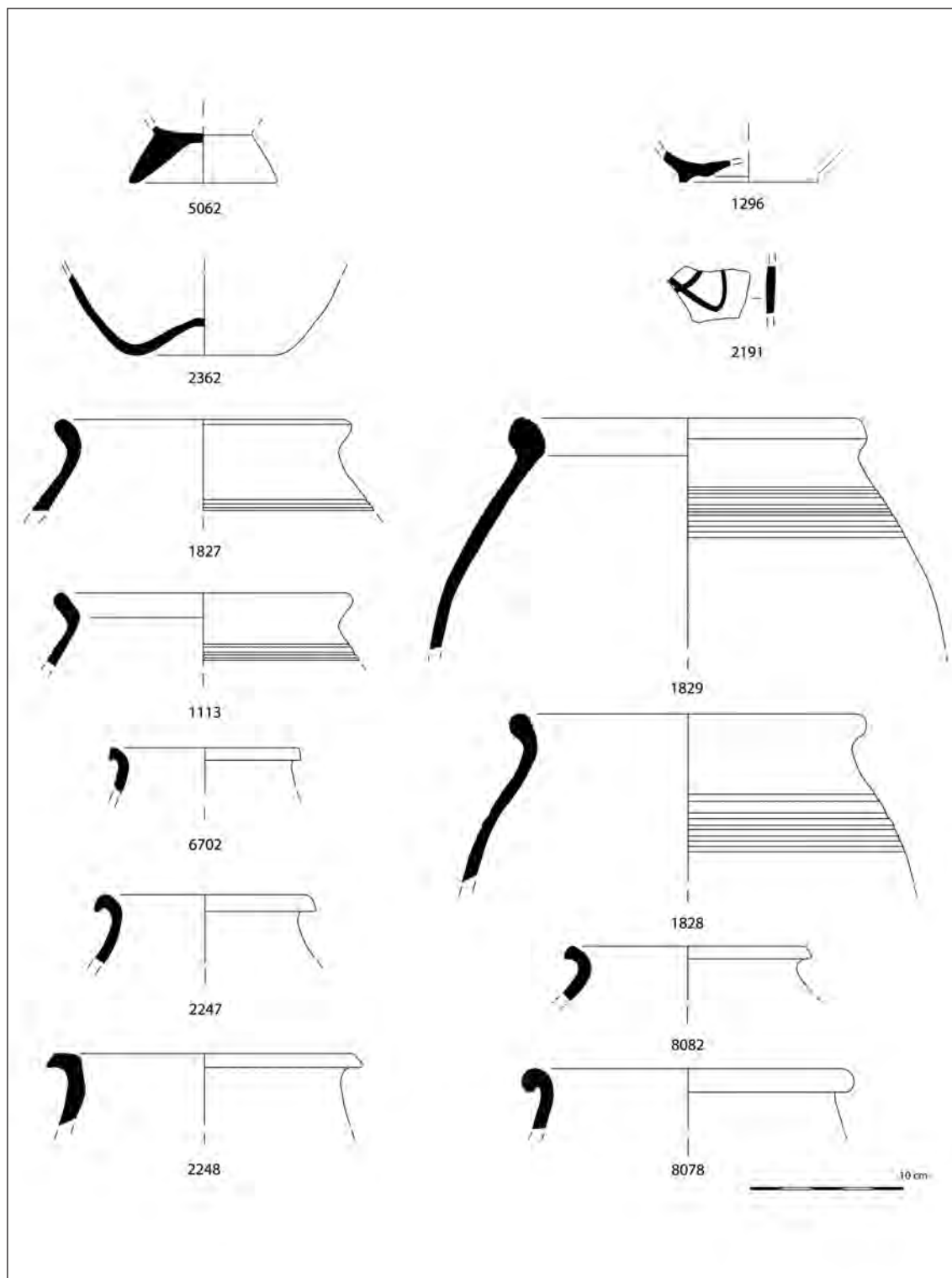


Figura 21. Cabeço Guião (U.E. [5]): cerâmica comum - fundos (5062, 1296, 2362) e parede decorada (2191); produções locais imitam a forma 10Aa.1 (1827, 1113, 1829, 1828), 10Ba (6702, 2247, 2248) e 10Bb (8082, 8078).

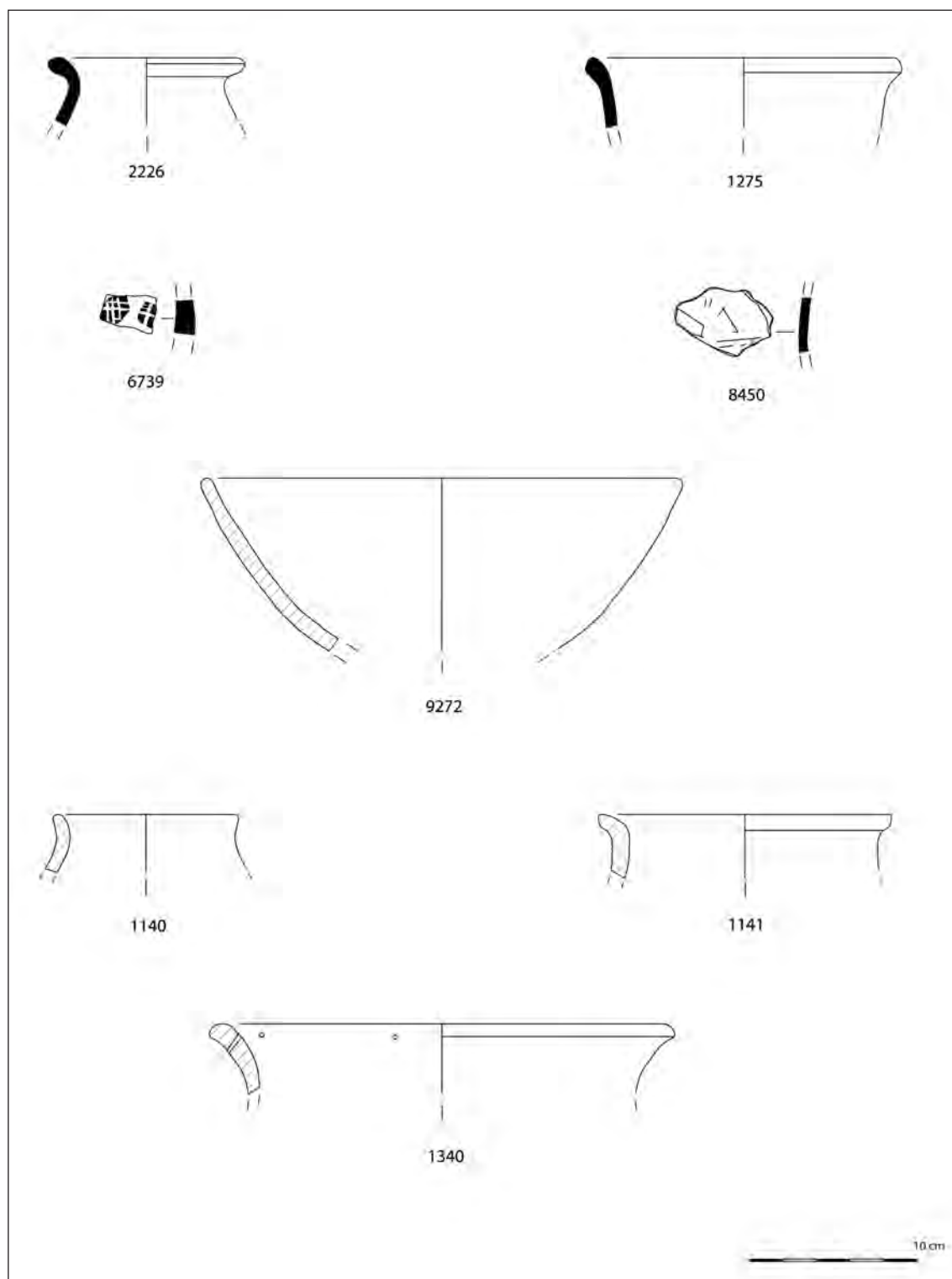


Figura 22. Cabeço Guião (U.E. [5]): produções locais imitam a forma 10Bb (2226), pote (1275) e paredes decoradas (6739, 8450); cerâmica manual - tigela (9272) e potes (1140, 1141, 1340).

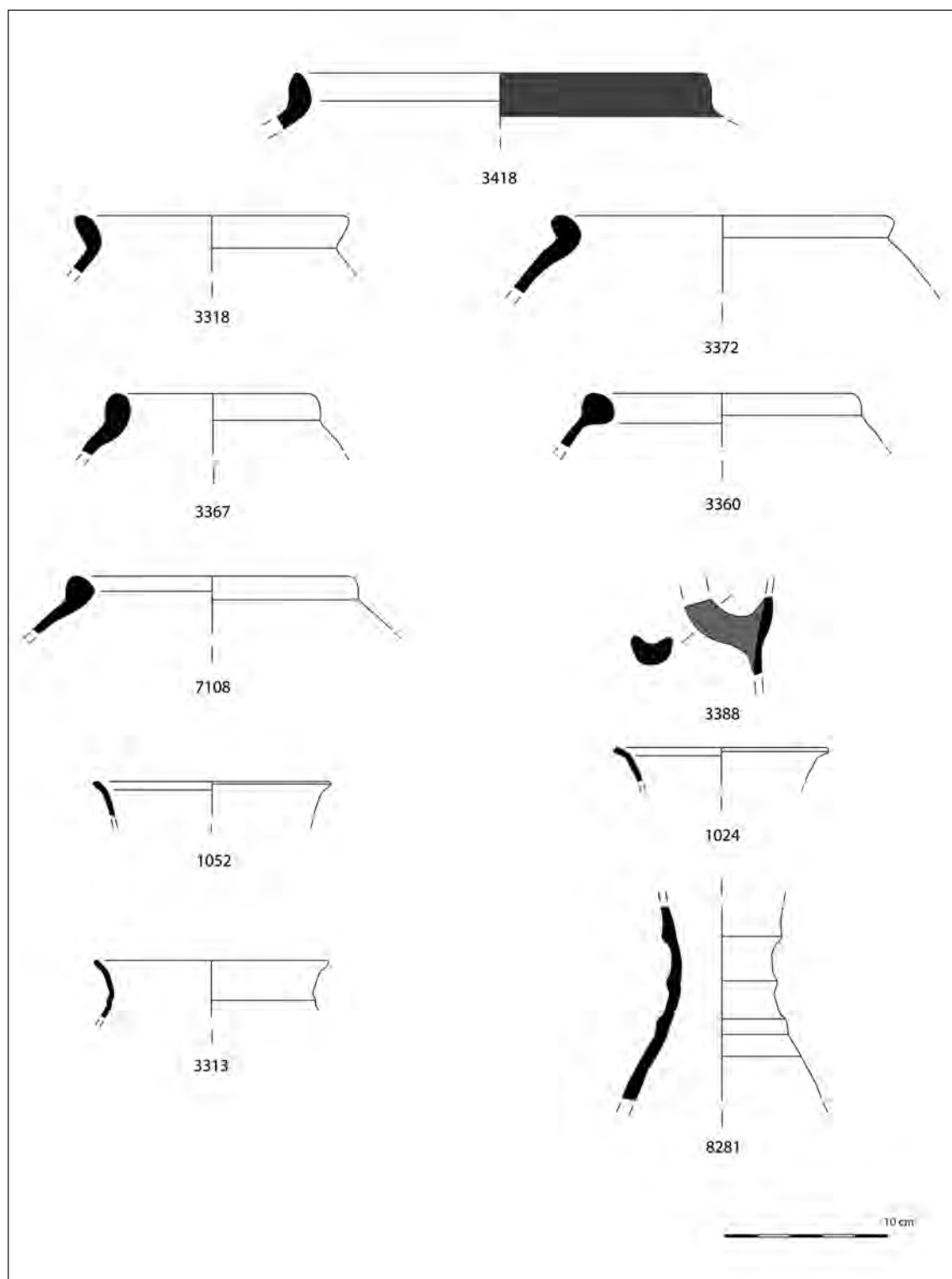


Figura 23. Cabeço Guião (U.E. [2]): ânforas do tipo 1 (3418, 3318, 3372), 4 (3367, 3360, 7108) e asa (3388); cerâmica cinzenta da forma 3Ba (1052, 1024), 4Aa (3313) e fragmento de colo (8281).

3.3.3.3. *A cerâmica comum*

A cerâmica comum é a categoria mais abundante, com 62 indivíduos (Fig. 24). Destes, 55 correspondem ao fabrico que consideramos de Lisboa, estando presentes os dois fabricos (I e III) caracterizados neste centro produtor. As tigelas, quatro do tipo 1Aa e uma do tipo 1Ac (tipos 1Aa; 1Ac), são cinco, número apenas ultrapassado pelas panelas, com dez do Tipo 10Aa (seis do Grupo III e quatro do Grupo I), 17 do Ba e outras 17 do Bb.

Seis fragmentos não foram passíveis de classificação formal, aos quais se pode acrescentar uma asa oval.

Em cerâmica comum recolheram-se ainda sete fundos: dois em ônfalo; um convexo com pé indicado; dois planos; um plano com pé indicado; um convexo.

De produção local, recolheram-se sete indivíduos, dos quais cinco são panelas (quatro do Tipo 10Aa e uma dos 10Aa ou 10C) a que se somam dois bordos indeterminados quanto à forma, quatro asas (três ovais e uma circular) e dois fundos planos.

3.3.3.3.1. *A cerâmica comum decorada*

Dois fragmentos de cerâmica comum com pastas que indiciam um fabrico local estão decorados com rosetas impressas (Fig. 24). Também neste caso, a forma não é possível de determinar, mas a espessura da parede permite avançar com a possibilidade de se tratar de grandes recipientes fechados. Também aqui não é certo que se trate de vasos fabricados a torno, podendo ser de fabrico manual.

As rosetas (18 mm de diâmetro), que são, como já referimos, um dos motivos mais frequentes na cerâmica estampilhada da Idade do Ferro peninsular, estariam dispostas em fiadas, situação bem visível num dos fragmentos, onde para além de duas completas se observa o arranque de outras duas. Lembremos ainda que a decoração com estampilhas sob a forma de roseta está presente na UE [1].

3.3.3.4. *A cerâmica manual*

A cerâmica manual é muito escassa também nesta Unidade Estratigráfica, resumindo-se a três indivíduos (Fig. 24), concretamente um pote em S, um jarro e um outro vaso que não foi possível classificar formalmente.

3.3.4. A cerâmica da UE [9]

A área de combustão designada por Lareira 1 (Fig. 5), pertencente à última fase de ocupação do sítio, assentava sobre uma base constituída por fragmentos cerâmicos fracturados (Fig. 25). Destes puderam classificar-se morfologicamente cinco, que, contudo, correspondem apenas a quatro indivíduos, concretamente três potes/panelas (uma 10Ba, uma 10A ou 10C e uma outra que não cabe na tipologia de referência) e uma ânfora (asa circular). O fundo de cerâmica comum é plano e pode ser parte integrante de qualquer dos potes/panelas.

3.3.5. A cerâmica da EU [6]

A vala de fundação do Muro 2, que se integrava na UE [1], ofereceu um único fragmento cerâmico, concretamente um bordo de uma tigela do Tipo 1Aa, de cerâmica comum fabricada localmente.

3.3.6. A superfície

A cerâmica dos estratos superficiais, que resultam de revolvimentos efectuados por máquinas pesadas no contexto da obra, é muito abundante. Contudo a sua análise deve ter em consideração o seu contexto de recolha, uma vez que este não fornece quaisquer dados para uma leitura diacrónica do sítio.

Ainda assim, e atendendo à quantidade e diversidade do espólio, fazemos aqui a sua exposição mesmo sem os detalhes que lhe seriam devidos se o contexto fosse efectivamente outro. Por outro lado, a quase totalidade das peças integra-se nas formas e tipos já identificados nas Unidades Estratigráficas acima desenvolvidas, não fazendo sentido retomar os paralelos e as considerações cronológicas daí decorrentes.

Dos 108 fragmentos, 83 correspondem a indivíduos, sendo a categoria mais bem representada a da cerâmica comum (Figs. 26). Nesta, ambas as produções estão documentadas (de Lisboa e local), com uma maioria esmagadora dos Potes/Panelas da Série 10 (56 bordos) a que pudemos juntar um bordo de um jarro da Série 11.

A cerâmica cinzenta (17 registos, 11 indivíduos) é mais diversificada do ponto de vista formal (Fig. 26), ainda que as tigelas da série 1 dominem (sete indivíduos). Um prato do Tipo 2Ba, um pequeno pote do 3Ba, um Jarro do Tipo Outorela e um frag-

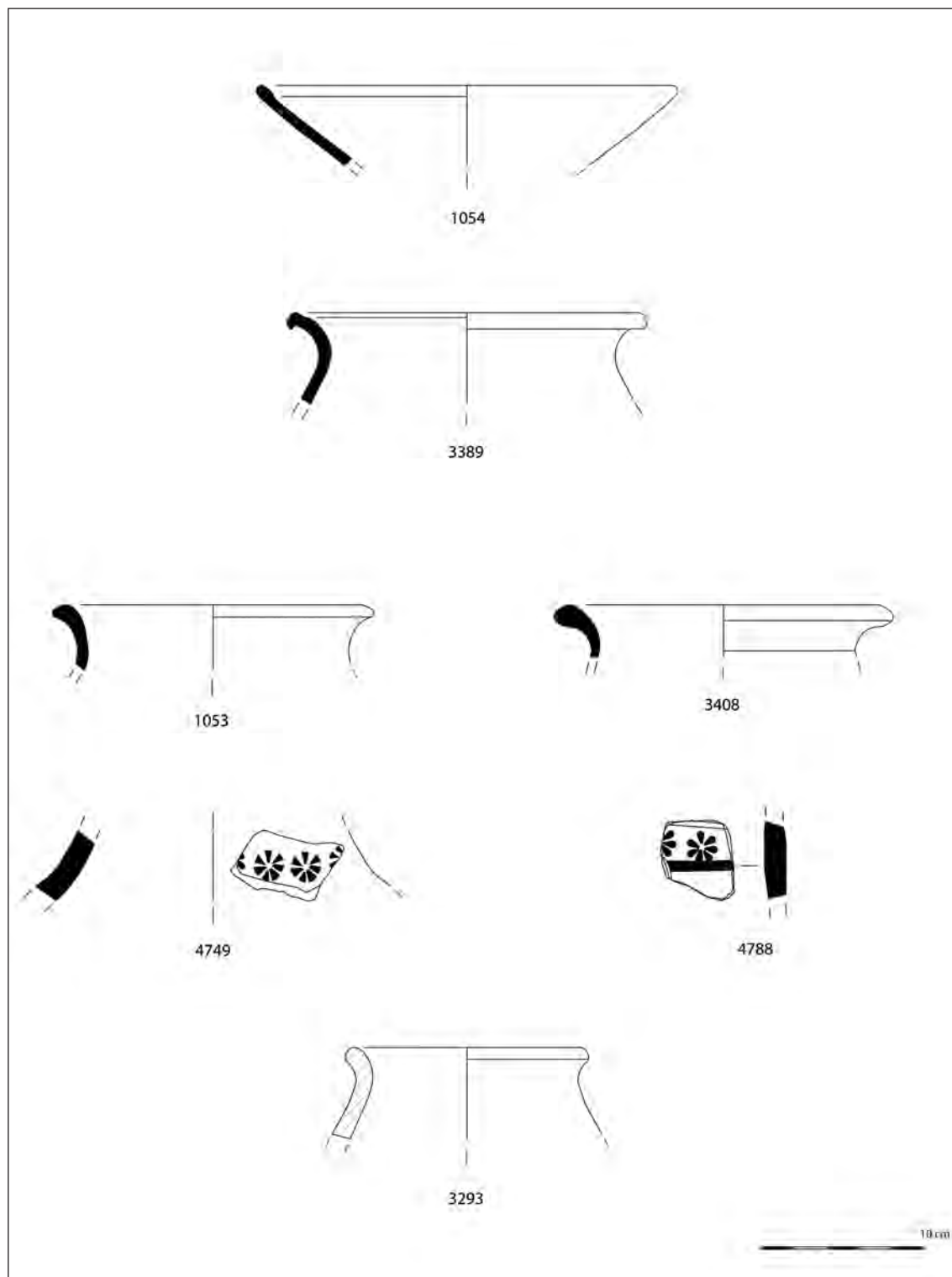


Figura 24. Cabeço Guião (U.E. [2]): cerâmica comum da forma 1Ac (1054), 10Ba (3389), 10Bb (1053, 3408), paredes com decoração estampilhada (4749, 4788); cerâmica manual - pote (3293).

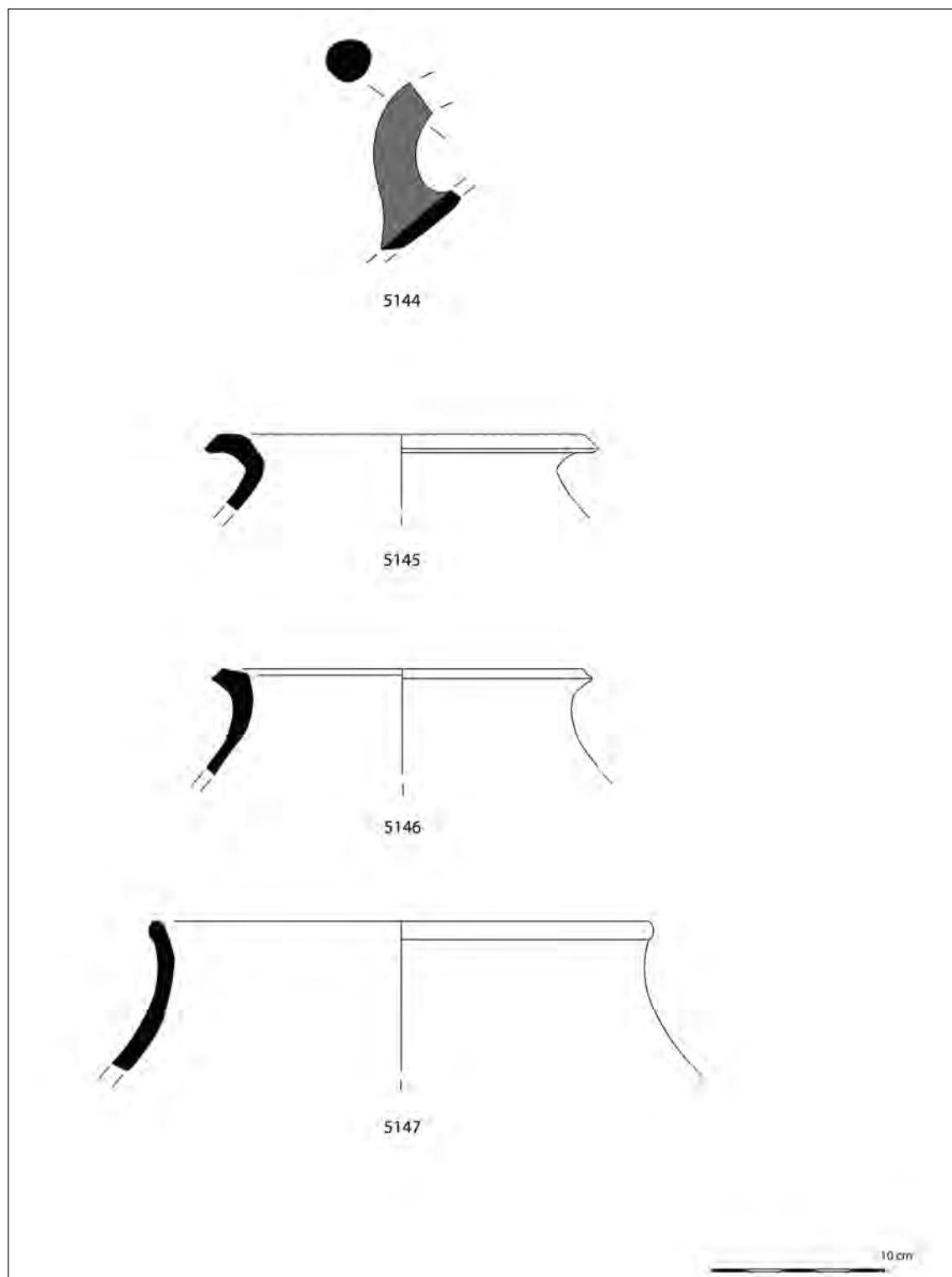


Figura 25. Cabeço Guião (U.E. [9]): asa de ânfora (5144); produções locais que imitam a forma 10Ba (5145), 10A/10C (5146) e pote (5147).

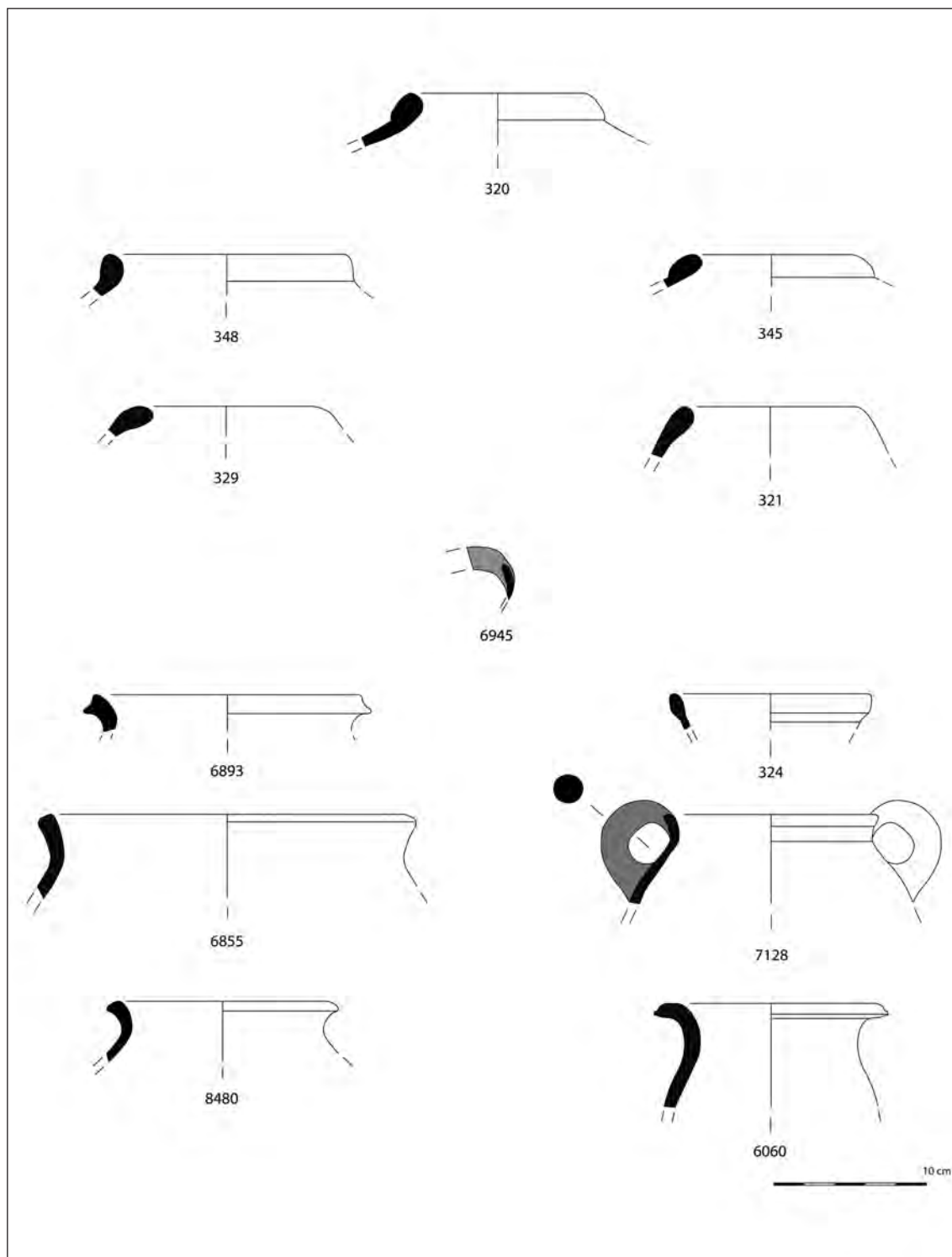


Figura 26. Cabeço Guião (Superfície): ânfora do tipo B/C de Pellicer (320), do tipo 1 (348), 6 (345) e 7 (329, 321); jarro de cerâmica cinzenta (6945); cerâmica comum da forma 10Ba (6893) e 11Ab (324); produções locais imitam a forma 10Aa (6855), 10Aa.2 (7128), 10Ba (6060) e 10Bb (8480).

mento indeterminado completam o quadro morfológico da cerâmica cinzenta.

Dos treze fragmentos de ânfora (Fig. 26), cinco indivíduos, um deles é uma importação, muito provavelmente do vale do Guadalquivir, e corresponde ao tipo B/C de Pellicer. Os restantes dividem-se pelos Grupo do Tejo (uma do tipo 1; uma do tipo 6; duas do tipo 7), a que se somam oito asas (duas cir-

culares, eventualmente de produção do interior, duas circulares com pasta que parece ser originária de Lisboa, uma oval, e três ovais, com sulco).

Dez vasos são de cerâmica manual, setes dos quais são potes de perfil em S (Fig. 27). Apenas uma tigela (Fig. 27) foi identificada nesta categoria e dois bordos não foram passíveis de integração tipológica.

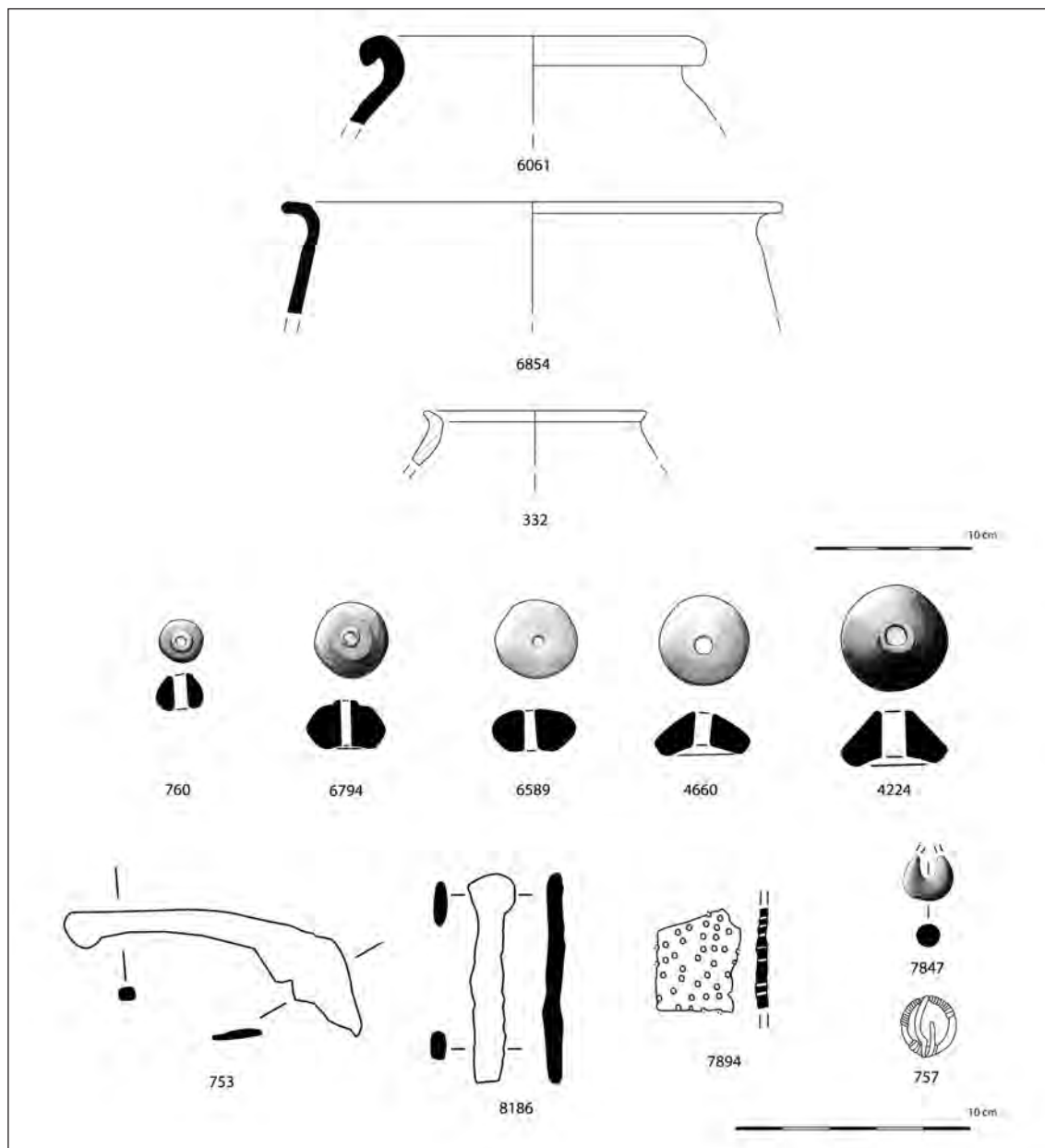


Figura 27. Cabeço Guião (Superfície): produções locais imitam a forma 10Bb (6061) e 10Bc (6854); cerâmica manual – pote (332). Cossoiros e artefactos metálicos associáveis à ocupação pré-romana.

3.3.7. Outros artefactos cerâmicos

Alguns artefactos também de cerâmica foram ainda recolhidos no Cabeço Guião. Quatro são cossoiros (Fig. 27), sendo dois de perfil tronco-cônico e outros dois bi-tronco-cônicos de faces arredondadas. Os primeiros integravam-se na EU [1] e os segundos nas [5] e na [2]. Seria tentador relacionar esta disposição estratigráfica com a morfologia das peças, uma vez que à fase mais antiga estão associados os bi-tronco-cônicos e à mais recente os tronco-cônicos, mas a verdade é que os dois tipos coexistem em outros sítios em cronologias dos séculos V e IV a.n.e., como é por exemplo o caso de Cancho Roano (Berrocal Rangel, 2003) e de Capote (Berrocal Rangel, 1994), respectivamente. Também nas Mesas do Castelinho (Almodôvar), cossoiros de formas geral tronco-cônica e bi-tronco-cônica coexistem em contextos do século IV, ainda que para os finais do V pareçam dominar os segundos (Estrela, 2010: pp. 64-69).

A UE [5] ofereceu ainda um artefacto cerâmico perfurado, de forma esferoidal, que, podendo incluir-se na categoria dos cossoiros, pode também tratar-se de um artefacto de adorno (Fig. 27, nº 760).

Um fragmento de cerâmica integralmente perfurado (Fig. 27) é de classificação e interpretação funcional difíceis. Foi encontrado na UE [1], podendo tratar-se de uma parede vertical de um recipiente, ou ainda de uma placa. Qualquer interpretação funcional não é fácil, ainda que vasos com perfurações integrais na totalidade da área das paredes tenham vindo a ser considerados «queijeiras», sobretudo em ambiente pré-históricos, como aliás sucede no próprio sítio do Cabeço Guião. Contudo, a reduzida espessura da parede parece impedir tal classificação. A mesma característica, associada à própria verticalidade da parede, impossibilitam as outras interpretações tradicionais, nomeadamente a de queimador/incensário e a que relaciona este tipo de vasos com actividades metalúrgicas, nomeadamente com a prática da copelação da prata.

Lembre-se que na UE [5] foi recolhido um fragmento de fundo de cerâmica cinzenta, com um conjunto de perfurações muito localizado (Fig. 18), que poderá ter correspondido a um coador.

3.3.8. Os vidros

No Cabeço Guião foram recuperados dois artefactos de vidro, opaco, de cor azul escuro (Fig. 29).

Um deles corresponde a uma conta de colar, cilíndrica achatada, peças comuns, quer na matéria prima quer na morfologia, em ambientes da Idade do Ferro peninsular, desde o século VIII ao III a.n.e. Na região do vale do Tejo, são conhecidas contar de colar deste tipo na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2000), sendo muito abundantes em Porto de Sabugueiro, Muge (Pimenta e Mendes, 2008), onde aliás se presume ter havido produção própria (Arruda *et al.*, 2016).

Muito mais raros são os recipientes de vidro, que, no entanto, apareceram em alguns povoados do território português, datados dos séculos V e IV a.n.e., sobretudo nos meridionais, como são os casos de Alcácer do Sal, Chibanes (Palmela), Cabeça de Vaia Monte (Monforte), Mesas do Castelinho (Almodôvar) e Cerro da Rocha Branca (Silves), por exemplo. No centro e norte de Portugal, são conhecidos os exemplares do Crasto de Tavarde e do Morro da Sé, no Porto. Na região em que o Cabeço Guião se insere destaca-se naturalmente o *aryballos* de Almeirim, muito bem conservado, cujo contexto exacto de recolha é desconhecido (Alarcão e Alarcão, 1963).

A peça de Cabeço Guião é um fundo plano-convexo, com pé, que descreve, na superfície externa uma curvatura convexa-côncava através da qual se faria a ligação à parede. A superfície de apoio do pé é marcada por uma linha de vidro amarelo. A forma do fundo e o seu diâmetro indicam que se tratava de um *amphoriskos*.

3.3.9. Os metais

Os metais, bronzes e ferros, são abundantes no Cabeço Guião. Infelizmente, porém, o seu estado de fragmentação é grande e a grande maioria não permite uma avaliação correcta da forma e, assim, da função.

Entre os artefactos de bronze conservados distinguem-se dois, ambos correspondentes a adornos.

Um deles é uma fibula anular hispânica (Fig. 27) quase completa, que pertence ao grupo das miniaturas, com um diâmetro de 2,6 cm. Foi recolhida na UE [1]. Engloba-se no tipo Ponte 14a (Ponte 2001: p. 237) que corresponde grupo Cuadrado 9a, com aro de secção circular, e mola bilateral, assimétrica, de corda interior ao arco com três espiras. O arco tem secção semi-circular, enrolando-se em 13 espiras, na zona de descanso. Trata-se de um tipo de fibula muito difundido entre os finais do século V e todo o século IV a.n.e.,

havendo vários exemplares na região do vale do Tejo, concretamente em Moinho da Atalaia (Pinto e Pa-reira, 1978; Ponte, 2001) e em Outorela (Cardoso e Carreira, 1993). Outras variantes do grande grupo das anulares hispânicas foram também recolhidas em sítios de esta área geográfica, como são os casos da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: p. 188) e de Freiria (Cardoso e Encarnação, 2013). O exemplar do cabeço Guião foi recolhido na Unidade Estratigráfica [1], que corresponde à última fase de ocupação.

Também da UE [1] é proveniente outro artefacto de adorno, de bronze (Fig. 27). Trata-se de um elemento de xorca, de tipo sanguessuga, maciço, de secção circular, que, juntamente com outros idênticos, estaria suspenso num aro, de forma a formar uma pulseira ou bracelete. Estes adornos são bem conhecidos na Idade do Ferro peninsular, havendo, contudo, uma distribuição concentrada na área da Meseta Norte e no território actualmente português. Na região do Estuário do Tejo, as xorcas são raras, registando-se, porém, um exemplar em Freiria (*ibidem*), neste caso também maciço, mas de dimensão superior. Do mesmo tipo, maciços e de pequena dimensão são os da necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (Schüle, 1969: Tafel 89, 1, 2, 3, 4; Tafel 108, 11-16).

Os contextos de recolha da maior parte das peças desta categoria apontam para uma cronologia centrada nos séculos VI e V, podendo prolongar-se, contudo, até inícios do IV a.n.e. (Abásolo, Ruiz Vélez e Rodríguez, 2003-2004: 136).

Os ferros estão maioritariamente mal conservados. Ainda assim, foi possível identificar fragmentos de uma pequena faca afilada (Fig. 28) recolhida na UE [5]. Lembra-se que este tipo de artefacto é muito comum em ambientes sidéricos peninsulares, ainda que forneçam poucas informações de cariz cronológico.

Da UE [1] são provenientes todos os restantes elementos de ferro. Três deles são curtos, de secção quadrangular, pontiagudos, e podem ter sido utilizados na carpintaria, talvez como formões ou cinzéis (Fig. 28). Um outro é mais difícil de interpretar quanto à função concreta, mas foi ainda incluído neste mesmo grupo (Fig. 28). É ligeiramente encurvado e a sua extremidade distal é em bisel. Tais características possibilitam admitir que se trata de uma goiva.

Mais difícil de interpretar é a haste, laminar (Fig. 28). Contudo, poderá ter feito parte de um artefacto destinado a prender traves de madeira de espessura considerável, integrando-se, portanto, também no grupo dos «utilitários de carpintaria».

Um fragmento de forma geral triangular (Fig. 28) parece corresponder à extremidade distal de uma das lâminas de uma tesoura, talvez de tosquia. Estes artefactos são muito raros em contextos sidéricos portugueses, registando-se, contudo, um exemplar na Cabeça Vaia Monte (Fabião, 1998, vol. 3, Fig. 77), que, no entanto, tem dimensões muito superiores às da peça que aqui estudamos. Este facto permite por outro lado discutir a própria funcionalidade desta tesoura, que poderia, pelo tamanho, adaptar-se bem à cosmética masculina (corte de cabelo e da barba).

A peça nº 8186 (Fig. 27) corresponde ao cabo de um espeto que, formalmente se aproxima dos de tipo Andaluz de Almagro Gorbea (1974). A cabeça é de forma geral ovalada, e a área intermédia é de secção rectangular. Este tipo de artefacto, que está relacionado com o consumo de carne, é frequente em contextos da Idade do Ferro do sudoeste peninsular, sendo abundante entre os séculos V e III a.n.e. Na área do estuário do Tejo, uma peça idêntica foi recolhida em Freiria.

3.3.10. A fauna

Os restos de fauna recuperados no Cabeço Guião totalizam 152 restos de mamíferos e apenas um de invertebrado (Tabela 1), que corresponde a uma única concha de *Cerastoderma edule* (berbigão) encontrada na UE [1]. É aliás também desta Unidade Estratigráfica que é proveniente a maior parte dos mamíferos (105) (Tabela 2), uma vez que na [5] existiam apenas 47 (Tabela 3).

Em geral, as espécies mais comuns são as domésticas, nomeadamente a vaca (*Bos* sp.), a ovelha e a cabra (*Ovis/Capra*) e os suídeos (*Sus* sp.). O veado (*Cervus elaphus*), apesar de selvagem, representa um importante aporte cárnico para estas populações.

Representados por apenas um elemento, temos um equídeo e um canídeo.

Sendo o auroque significativamente maior que o seu descendente, as medidas dos elementos osteológicos constituem um elemento fiável de distinção específica (Davis & Detry, 2013), pelo que se pode concluir que a maioria dos restos presentes no Cabeço do Guião deverão pertencer a *Bos taurus*. O gado bovino, assim, é o mais frequente neste conjunto, constituindo cerca de 45% do conjunto na fase inicial, sendo esta percentagem menos acentuada na fase final de ocupação.

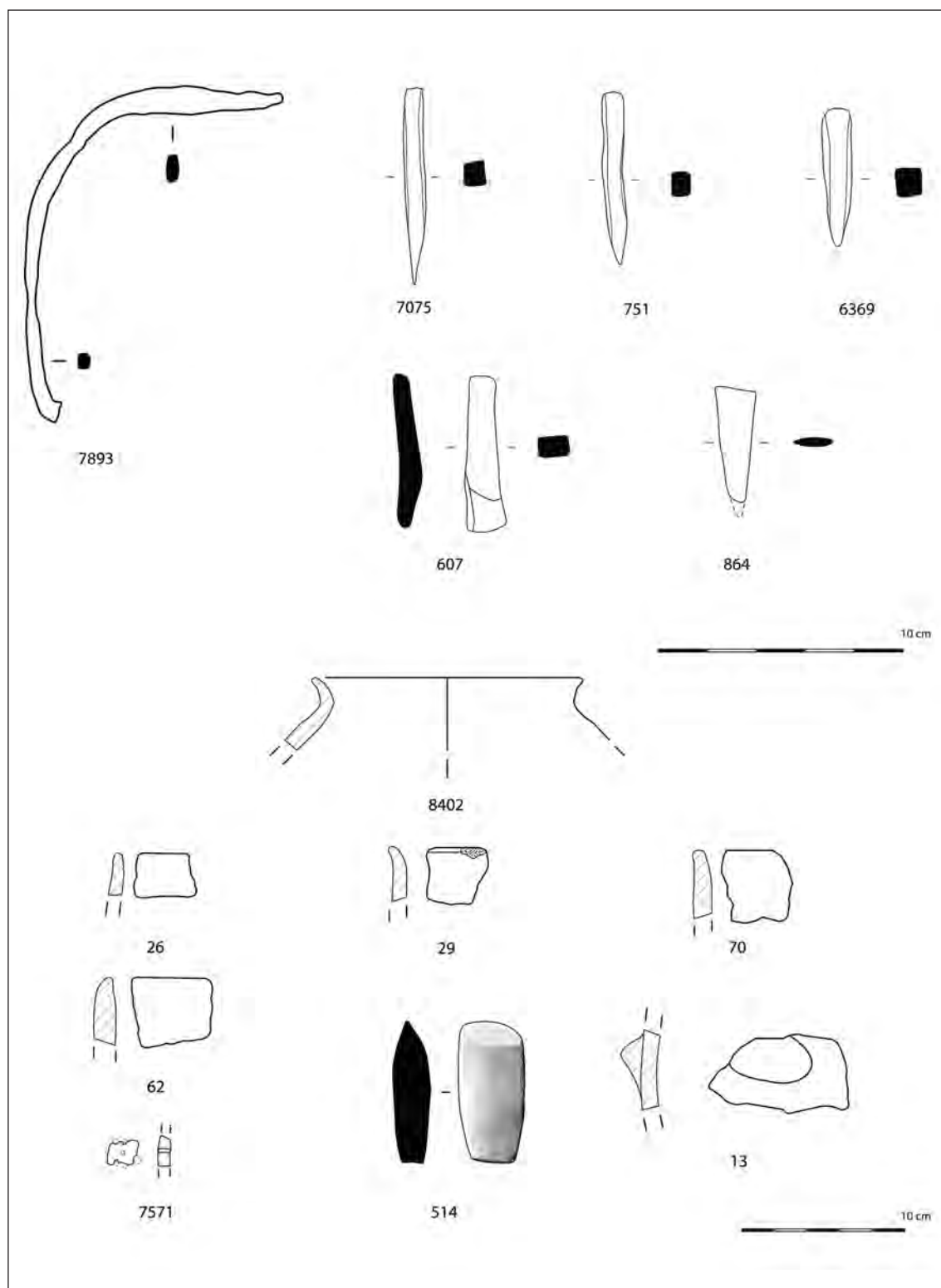


Figura 28. Artefactos metálicos associáveis à ocupação pré-romana; cerâmicas pré-históricas.

Tabela 1 – Número de Restos Determinados (NRD) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) por Unidade estratigráfica de mamíferos recuperados no Cabeço do Guião.

	UE [1]				UE [2] e [5]				Total			
	NRD		NMI		NRD		NMI		NRD		NMI	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Bos</i> sp.	47,5	45%	2	22%	18	38%	2	29%	65,5	43%	4	25%
<i>Ovis/Capra</i>	20	19%	2	22%	12	26%	2	29%	32	21%	4	25%
<i>Ovis aries</i>	4	4%	1	11%	0	0%	0	0%	4	3%	1	6%
<i>Sus</i> sp.	19	18%	2	22%	12	26%	1	14%	31	20%	3	19%
<i>C. elaphus</i>	13,5	13%	1	11%	4	9%	1	14%	17,5	12%	2	13%
<i>C. familiaris</i>	0	0%	0	0%	1	2%	1	14%	1	1%	1	6%
<i>Equus</i> sp.	1	1%	1	11%	0	0%	0	0%	1	1%	1	6%
	105		9		47		7		152		16	



Figura 29. Conta de colar e fragmento de *amphoriskos* de pasta vítrea.

A ovelha e a cabra constituem, em conjunto, o segundo grupo mais numeroso, ainda que com valores idênticos ao dos suídeos. Infelizmente, e como é habitual, apenas em quatro casos foi possível classificar os restos como ovelha.

As reduzidas dimensões dos elementos identificados como suídeos indiciam que se trata, muito provavelmente, da espécie doméstica, apesar de, na Península Ibérica, ser difícil distingui-los do javali (Albarella *et al.* 2005).

A presença importante de veado (*Cervus elaphus*), acima dos 10% na fase final da ocupação, deve valorizar-se, até porque evidencia a existência, na região, de florestas relativamente densas e bem desenvolvidas. Por outro lado, a caça de animais de grande porte era, certamente, uma actividade com alguma relevância na comunidade que habitava no Cabeço Guião.

Os equídeos estão apenas representados por uma primeira falange, que apresentava marcas de carnívoro (provavelmente cão, também presente no conjunto) e também marcas de corte. A presença de incisões em falanges, zonas do esqueleto com pouca carne, pode também estar relacionada com a extracção de pele, tendões ou desmembramento. Neste caso, não foi possível averiguar se se tratava de burro ou de cavalo.

Um crânio de canídeo, com maxilar, foi identificado como cão, atestando a presença de mais uma espécie doméstica, normalmente comum em contexto de habitat, como animal de companhia e não destinado ao consumo.

Os dados faunísticos do Cabeço Guião não se diferenciam, substancialmente, do que é conhecido em outros contextos da mesma região com idêntica cronologia, como é o caso de Santarém (Davis, 2006) e de Lisboa (Arruda, 1999-2000; Detry, Cardoso e Bugalhão, 2016). Em todas as situações, é comum a abundância de restos de bóvidos, sempre *Bos taurus*, com uma única excepção na Sé de Lisboa, onde o auroque (*Bos primigenius*) foi identificado (Arruda, 1999-2000: 127).

Diferentes são, contudo, os valores do veado, muito mais abundantes na área interior do Estuário do Tejo, como é o caso do Cabeço Guião, Costa do Pereiro (Guerschman & Nunes, 2013)⁸, Alcáçova de Santarém (Davis, 2006), do que nos sítios da foz,

⁸ Este conjunto encontra-se em revisão por MJ Valente, AF Carvalho & J Guerschman.

Tabela 2 - Número de restos determinados de mamíferos por parte do esqueleto, UE – [1]. Fusão: F- Fundido; MNF – Metáfise não fundida; ENF- Epífise não fundida; I- Indeterminado.

	Fusão	<i>Bos taurus</i>	<i>Ovis/Capra</i>	<i>Ovis aries</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>C. elaphus</i>	<i>Equus sp.</i>
Dentes							
Incisivo		1			(3)		
Canino					2		
Dp2					(1)		
Dp3		(1)	(1)		(1)		
Dp4		1(1)	(1)				
Pré-molar 3			(1)		(1)		
Pré-molar 4		1	1(1)		(1)		
Molar 1		(1)	(3)		(1)		
Molar 2		(2)	(2)		(1)		
Molar 3		2(1)	2(2)		1(3)		
Molar 1/2		9(1)	2		1		
Ossos							
Escápula	F	1				2	
Úmero	F	1	1	2	2	2	
	MNF		2				
Rádio	F	1					
	ENF	1					
Metacarpo	F	1				1	
Fémur	F	1					
Tíbia	F	1				1	
	MNF					1	
Calcâneo	F					1	
	I	3					
Astrágalo	F	3	1	2		2	
Metatarso	F	1,5				1	
Metápode						0,5	
Falange I	F	9			1	1	1
Falange II	F	2				1	
Falange III	F	1					
TOTAL		47,5	20	4	19	13,5	1

como Lisboa (Arruda, 1999-2000; Detry, Cardoso e Bugalhão, 2016) e Almaraz (Cardoso *et al.*, 1993), realidade que pode interpretar-se no quadro da maior incidência da floresta na primeira das regiões.

Estranha-se ainda a total inexistência de restos de aves, domésticas ou selvagens, justamente porque, em Santarém, os galináceos eram já conhecidos desde momentos antigos da Idade do Ferro (Davis, 2006).

Tabela 3 - Número de restos determinados de mamíferos por parte do esqueleto, UE – [2] e [5]. Fusão: F- Fundido; MNF – Metáfise não fundida.

		<i>Bos taurus</i>	<i>Ovis/Capra</i>	<i>Sus sp.</i>	<i>C. elaphus</i>	<i>C. familiaris</i>
Crânio						1
Dentes						
Canino				1		
Dp3		(1)		(1)		
Dp4		(1)		(2)		
Pré-molar 2			1			
Pré-molar 3			(1)			
Pré-molar 4			2(1)			
Molar 1			(1)	(2)		
Molar 2			(1)	(2)		
Molar 3			(1)	(1)		
Molar 1/2		1(1)	1	(1)		
Ossos						
Úmero	F	2	1			
	MNF	1	1			
Rádio	F			1	1	
Metacarpo	F	2,5				
Fémur	F	1		1		
Tíbia	F		1		1	
Calcâneo	F	1				
Astrágalo	F	1			1	
Metatarso	F	2,5				
Falange I	F	2			1	
Falange II	F	1				
TOTAL		18	12	12	4	1

4. A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA

Como tivemos oportunidade de referir em 3.1, em algumas das áreas escavadas no Cabeço Guião foi possível documentar uma ocupação pré-histórica, que se consubstanciava em cerâmicas e em um artefacto de pedra polida (Fig. 28), que não estavam, contudo, associados a qualquer estrutura. Corresponde à UE [3].

As cerâmicas correspondem, maioritariamente a vasos semi-esféricos altos, de paredes rectas ou ligeiramente encurvadas e bordos rectos ou muito ligeiramente exvertidos. Um dos fragmentos de parede pos-

sui um mamilo. No conjunto, existe também uma parede com múltiplas perfurações completas que se pode identificar como queijeira.

O artefacto de pedra polida é um pequeno machado de anfibolito de tipologia comum a vários sítios neolíticos.

5. O ESPÓLIO E A LEITURA ESTRATIGRÁFICA

O espólio da Idade do Ferro que atrás apresentámos e discutimos foi recolhido nas diversas Unidades Estratigráficas que constituem as duas fases

de ocupação da Idade do Ferro do Cabeço Guião. Os materiais merecem, portanto, ser analisados também globalmente, ainda que sempre de acordo com a sua distribuição contextual, até porque essa análise permite discutir tempos e sequências temporais, assim como questões concretas de classificação cronológica.

Em primeiro lugar, importa destacar que não se notam diferenças muito acentuadas nos espólios que se associam a qualquer das duas fases construtivas definidas. Com efeito, e em termos gerais, as mesmas categorias cerâmicas estão presentes em ambas e com percentagens assimiláveis. A sua datação não difere excessivamente, o que pode traduzir uma ocupação sequencial, que terá sido, seguramente, curta no tempo.

Os próprios materiais «datantes» conduzem às mesmas conclusões. Assim, por exemplo, a cerâmica estampilhada está presente em Unidades Estratigráficas distintas, a [1] e a [5], que correspondem à fase mais tardia e mais antiga, respectivamente. Não se podendo, seriamente, relacionar a UE [2] com nenhuma das duas fases principais, não há dúvida de que ela se subpunha à [1], sendo-lhe, portanto, anterior, o que torna clara a repetição dos mesmos motivos, especificamente o das «rosetas», em unidades estratigráficas mais tardias e mais recentes. Quanto a este tipo de decoração, deve recordar-se que ele é, maioritariamente, datado do século IV a.n.e., podendo, contudo, recuar até aos finais do século anterior, se tivermos em consideração os dados estratigráficos das Mesas do Castelhinho, onde a decoração estampilhada ocorre em contextos em que se recolheu também cerâmica grega com esta cronologia, concretamente «Taças Cástulo» (Fabião, 1998).

O fragmento de cerâmica grega do Cabeço Guião, recolhido na UE [1], é intrinsecamente datado do final do século V a.n.e., datação que poderá atribuir-se também à pátera de pé alto fabricada em cerâmica comum, recuperada na [5], dados os paralelos formais que apresenta com peças morfologicamente idênticas da Rua dos Correeiros em Lisboa, também de cerâmica comum, mas ainda de engobe vermelho (Sousa, 2014). Porém, da mesma Unidade é proveniente uma ânfora do Tipo 7, tipo que, atendendo a alguns contextos de Lisboa, como o de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), pode ser datado do século IV e mesmo III a.n.e., não sendo displicente recordar que está ausente da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014), local onde a Idade do Ferro foi datada do final do século V/inícios do IV a.n.e. Por outro lado, os pratos carenados resgatados

na UE [5] integram a forma 2Ba de Sousa (2014), variante ausente da Rua dos Correeiros, sítio datado dos finais do século V a.n.e., mas presente nos Moinhos da Atalaia e Freiria, parecendo ser uma evolução do tipo 2Ab, e, portanto, datável de momento posterior (século IV a.n.e.) (*ibidem*). Aliás, os pratos da variante presente em Cabeço Guião documentaram-se em Outurela (Cardoso *et al.*, 2014), tendo sido colocados em «momentos avançados do século IV a.n.e. (*ibidem*)».

No momento de discutir cronologias, parece também imprescindível falar da datação de radiocarbono para a Lareira 1, que se integrou na última fase de ocupação, tendo ficado comprovado que esta não poderia ter-se desenvolvido antes de 358 a.n.e.

A amostra (carvão) forneceu o seguinte intervalo de tempo:

2150±45 BP

A calibração proporcionou os seguintes resultados:

A um sigma: [cal BC 351: cal BC 298] 0,337293; [cal BC 227: cal BC 222] 0,023664; [cal BC 211: cal BC 147] 0,464451; [cal BC 144: cal BC 111] 0,174592

A dois sigma: [cal BC 358: cal BC 275] 0,306834; [cal BC 260: cal BC 84] 0,645591; [cal BC 80: cal BC 55] 0,047575.

Tendo em consideração estes dados, parece, pois, possível admitir que a ocupação humana do Cabeço Guião terá sido relativamente curta no tempo, podendo ter durado cerca de um século, tendo-se iniciado nos primeiros anos do século IV a.n.e. (1ª Fase).

6. DISCUSSÃO

Os dados que apresentámos nas páginas anteriores são inequívocos quanto ao facto de o Cabeço Guião corresponder a um sítio habitacional de pequena dimensão, de âmbito rural, em que a exploração agrícola e a pecuária tiveram um importante papel. Porém, considerá-lo um «casal agrícola» parece excessivamente redutor considerado o conjunto do espólio encontrado. É evidente que não é este o lugar de discutir, com o detalhe que merece, o próprio conceito de «casal agrícola», discussão que, aliás, parece urgente, dado o uso (e o abuso) que dele se tem feito. Mas gostaríamos de deixar claro que os pequenos habitats são efectivamente rurais por oposição aos centros urbanos, sendo óbvio que as actividades seriam preferencialmente de tipo agro-pecuá-

rio, nos primeiros, e comerciais, industriais e administrativas, nos segundos. Ou seja, a oposição cidade/campo ganha corpo na Península de Lisboa justamente na 2ª Idade do Ferro, o que não significa que em termos sociais os habitantes de uns e de outros locais fossem radicalmente distintos.

Neste contexto, julgamos importante chamar a atenção para o caso concreto do Cabeço Guião, que ofereceu espólios de alguma relevância intrínseca, nomeadamente importações, como é o caso do vaso grego e da ânfora de tipo B/C, cuja pasta mostra uma produção extra-regional, mas também ainda dos artefactos de vidro, muito especialmente do *amphoriskos*, e dos de metal (fibula, xorca, espeto). Por outro lado, a própria tipologia da cerâmica comum, sobretudo as taças de pé alto, mostram práticas sociais e alimentares típicas de ambientes mais «urbanos», cuja existência sai reforçada se a elas juntarmos o *bolsal* de cerâmica ática (forma destinada ao consumo do vinho à mesa) e as ânforas (vinárias e/ou oleícolas). Relacionado ainda com o consumo de alimentos deve considerar-se o espeto, quase sempre conectado com usos rituais ou pelo menos sumptuários. Se a estes dados juntarmos os adornos e o recipiente de vidro destinado a conter óleos aromatizados ou perfumes e se aceitarmos que a tesoura pode ter sido usada em actividades que se prendem com a estética masculina, parece possível questionar a aplicação do conceito de «casal agrícola», pelo menos na forma como foi definido e tem sido usado.

A própria fauna, ainda que escassa, mostrou que o veado ocupou uma posição de relativo destaque, evidenciando uma actividade cinegética importante, de animais de grande porte, que costuma ser associada a classes sociais privilegiadas e aristocráticas.

Estas mesmas observações aplicam-se a outros sítios da Península de Lisboa, como é, por exemplo o caso de Freiria, onde artefactos de pasta vítrea, espetos de carne e fechos de cinturão constam do conteúdo do inventário do sítio cascalense (Cardoso e Encarnação, 2013), parecendo, de facto, incompatíveis com uma população de meros agricultores e pastores, como aliás dois dos autores do presente estudo (AMA e ES) tiveram oportunidade de chamar a atenção recentemente em artigo realizado em colaboração com João Luís Cardoso (Cardoso *et al.*, 2014).

Esta mesma realidade tem sido discutida em outras regiões, e muito especialmente na Sardenha, onde o relativamente elevado estatuto social dos sítios rurais tem vindo a ser demonstrado (Gomez Bellard e van Dommelen, 2014).

BIBLIOGRAFIA

- ABÁSOLO, J. A., RUIZ VÉLEZ, I. e RODRÍGUEZ, A. 2003-2004: «El conjunto arqueológico de *Alto de Rodilla* (Monasterio de Rodilla, Burgos)». *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 69-70, 115-146.
- ALARCÃO, J. e ALACÃO, A. 1963: «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmiento». *Revista de Guimarães*. 73 (1-2) Jan.-Jun. 1963, 175-209.
- ALBARELLA, U., DAVIS, S., DETRY, C. & ROWLEY-CONWY, P. 2005: «Pigs of the “Far West”: the biometry of *Sus* from archaeological sites in Portugal». *Anthropozoologica*, 40(2): 27-54.
- ALMAGRO GORBEA, M. 1974: «Los assadores de bronce del Suroeste Peninsular». *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, 77:1, 351-395.
- ALMAGRO-GORBEA, M., MEDEROS, A. e TORRES, M. 2008: «Cerámica de barniz rojo». In M. Almagro-Gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín*. II. *Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, 593-622.
- ARNAUD, J. e GAMITO, T. J. 1977: «Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal – I – Cabeça de Vaíamonte, Monforte». *O Arqueólogo Português*, Lisboa, S. III, 7-9, 165-202.
- ARRUDA, A. M. 1997: *A cerâmica ática do Castelo de Castro Marim*. Colibri. Lisboa.
- ARRUDA, A. M. 1999-2000: *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, n.º 5-6).
- ARRUDA, A. M. 2006: «Cerâmicas gregas encontradas em Portugal». In AA.VV., *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das colunas de Hércules*. Lisboa: Instituto Português dos Museus e Museu Nacional de Arqueologia, 135-140.
- ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C., PIMENTA, J., SOUSA, E., SOARES, R., MENDES, H. 2016: «As contas de colar de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Portugal)». *CuPAUAM*, 42, 79-101.
- BARROS, L., CARDOSO, J. L. e SABROSA, A. 1993: «Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada». *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, 143-181.
- BERROCAL RANGEL, L. 1994: *El altar prerromano del Castrejón de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el Suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma.

- BERROCAL RANGEL, L. 2003: «El instrumental textil en Cancho Roano: consideraciones sobre sus fusayolas, pesas y telares». In S. Celestino Pérez (ed.) *Cancho Roano IX: Los materiales arqueológicos II*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida / CSIC. Junta de Extremadura, 211-297.
- CARDOSO, G. e ENCARNÇÃO, J. 2013: «O povoamento pré-romano de Freiria». *Cira*, 2, 133-180.
- CARDOSO, J. L. 1994: «Comentário ao sítio arqueológico de Outorela (Oeiras)». In AA.VV., *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 206.
- CARDOSO, J. L. e CARREIRA, J. R. 1993: «Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage». *Méditerranée*. Lisboa, 2, 193-206.
- CARDOSO, J. L., ARRUDA, A. M., SOUSA, E. e REGO, M. 2014: «Outorela I e Outorela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do Estuário do Tejo (concelho de Oeiras)». *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21.
- CARVALHO, A. 1998: «Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997)». *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1: 2, 39-72.
- DAVIS, S. 2006: *Faunal remains from Alcáçova de Santarém (Portugal)*. Trabalhos de Arqueologia. IPA. Lisboa.
- DAVIS, S. & DETRY, C. 2013: «Crise no Mesolítico: Evidências Zooarqueológicas». *Actas do Congresso da Associação de Arqueólogos*. Lisboa, 297-309.
- DAVIS, S. 2007: «The mammals and birds from the Iron Age and Roman periods of Castro Marim, Algarve, Portugal». Trabalhos do CIPA (Centro de Investigação em Paleoecologia humana e Arqueociências) 107. IPA. Lisboa.
- DETRY, C., CARDOSO, J. L. e BUGALHÃO, J. 2016: «A alimentação em Lisboa no decurso da Idade do Ferro: resultados das escavações realizadas no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros». *SPAL*, 25: 67-83.
- ESTRELA, S. 2010: «Os níveis fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os contextos arqueológicos na (re)construção do povoado». Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.
- FABIÃO, C. 1998: «O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje portugueses». Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa». 3 volumes. Edição policopiada.
- GÓMEZ BÉLLARD, C. e VAN DOMMELEN, P. 2014: «Granjas y vida campesina en la Cerdeña púnica». In *Miscel-Ània d'Estudis en homenatge a Jordi H. Fernandez*. Eivissa, 269-279.
- GUERSCHMANE, J. e NUNES, L. 2013: «A ocupação rural na Idade do Ferro na Costa do Pereiro (Torres Novas, Portugal)». Poster apresentado no JIA2013. IV Jornadas de jóvenes en investigación arqueológica. 7 a 11 de Maio de 2013.
- PIMENTA, J., CALADO, M. e LEITÃO, M. 2005a: «Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 8, 2, 313-334.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. 2008: «Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge)». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 11, 2, 171-194.
- PINTO, C. V. e PARREIRA, R. 1978: «Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo». In *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 147-163.
- PONTE, S. 2001: «Corpus Signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal». Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 volumes. Edição policopiada.
- SCHÜLE, W. 1969: «Die Meseta-Kulturen. Der Iberischen Halbinsel». *Madrid Foscungen* (3). Berlin: Walter de Gruyter y C&.
- SOUSA, E. 2014: *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Lisboa,
- SOUSA, E. e PIMENTA, J. 2014: «A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro», in R. Morais, A. Fernández e M. J. Sousa (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*. Monografias Ex Officina Hispana II. Porto, vol. 1, 303-316.
- SPARKES, B. A. e TALCOTT, L. 1970: «Black and Plain pottery of the 6th, 5th and 4th centuries B.C.» *The Athenian Agora. Vol. XII*. Princeton, New Jersey: American School of Classical Studies at Athens.
- ZBYSZEWSKI, G., PEREIRA, O. V. e SANTOS, M. C. 1968: «Acerca do campo fortificado de "Chões" de Alpompe (Santarém)». *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 3ª série, 2, 49-57.